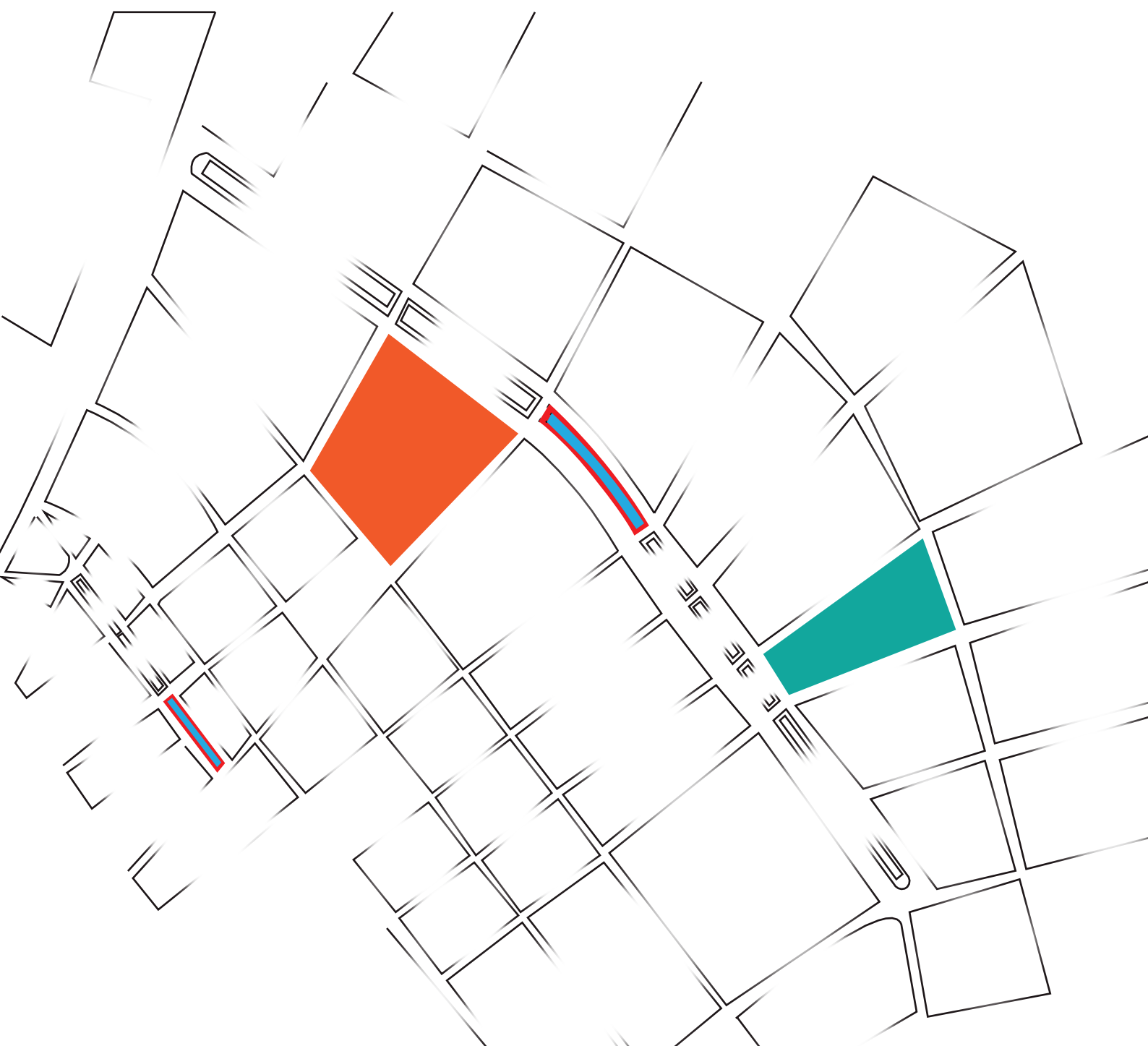


IGARAPÉ DAS ALMAS:

uma cartografia da Avenida Visconde de Sousa Franco
Belém/PA



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN

LARISSA DE LA-ROCQUE CORRÊA TELES

IGARAPÉ DAS ALMAS
UMA CARTOGRAFIA DA AVENIDA VISCONDE DE SOUSA FRANCO,
BELÉM – PA

BRASÍLIA
2019

Larissa de La-Rocque Corrêa Teles

IGARAPÉ DAS ALMAS
UMA CARTOGRAFIA DA AVENIDA VISCONDE DE SOUSA FRANCO,
BELÉM – PA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design, área de concentração em Design, Tecnologia e Sociedade, linha de pesquisa em Design, Espaço e Mediações da Universidade de Brasília, como requisito obrigatório para fins de obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Rogério José Câmara

Brasília
2019

Larissa de La-Rocque Corrêa Teles

GARAPÉ DAS ALMAS

uma cartografia da Avenida Visconde de Sousa Franco, Belém – PA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design, área de concentração em Design, Tecnologia e Sociedade, linha de pesquisa em Design, Espaço e Mediações da Universidade de Brasília, como requisito obrigatório para fins de obtenção do grau de Mestre.

Belém, 16 de agosto de 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rogério José Câmara

(Orientador)

Prof. Dra. Nayara Moreno de Siqueira

(Examinador Interno à UnB/ PPG Design)

Prof. Dra. Maria Roseli Sousa Santos

(Examinador Enterno à UnB/ PPG Design)

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

TT269i Teles, Larissa de La-Rocque Corrêa
IGARAPÉ DAS ALMAS: uma cartografia da Avenida Visconde de
Sousa Franco, Belém - PA. / Larissa de La-Rocque Corrêa
Teles; orientador Rogério José Câmara. -- Brasília, 2019.
131 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Design) --
Universidade de Brasília, 2019.

1. Design. 2. Espaço Urbano. 3. Igarapé das Almas. 4.
Técnica. I. Câmara, Rogério José, orient. II. Título.

Ao meu esposo Michell, pelo apoio incondicional em todos os momentos, principalmente nos difíceis, muito comum para quem trilha novos caminhos.

Com você ao meu lado as conquistas são melhores.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me dar sabedoria e entendimento em todos os momentos.

Agradeço ao meu orientador por todo apoio e dedicação, pois sempre esteve pronto a me auxiliar para a conclusão deste trabalho, o qual eu muito me alegro.

Ao meu esposo que junto a mim sonhou com a realização dessa pesquisa e me estimulou a prosseguir nos momentos de incertezas.

Aos meus pais pela compreensão nos momentos difíceis e por sempre estarem ao meu lado.

À minha irmã Priscila por ser a amiga que eu precisei durante o período dessa pesquisa.

À minha avó por me incentivar e me encorajar.

À minha amiga Jessica Lima, por estar diariamente comigo e me auxiliar no texto com tanta dedicação.

À equipe do Centro de Tecnologias em Educação a Distância – CTEAD do Instituto Federal de Educação – IFPA, pela compreensão e incentivo, para que eu pudesse chegar até aqui.

Ao corpo Técnico e Docente do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade de Brasília, pela prestatividade, dedicação em atender a todos os discentes e principalmente pela compreensão para comigo, me oferecendo soluções para que eu estivesse presente no período do curso.

Esse é o grande mistério das cidades: elas crescem e se modificam, guardando, porém, sua alma profunda apesar das transformações do seu conteúdo demográfico, econômico e da diversificação de suas pedras.

Milton Santos

RESUMO

IGARAPÉ DAS ALMAS: uma cartografia da Avenida Visconde de Sousa Franco, Belém-PA

O espaço urbano é composto por diversos elementos que expressam o seu contexto. A presente pesquisa apresenta a forma como o espaço da Avenida Visconde de Sousa Franco, em Belém do Pará, se desenvolveu em detrimento às transformações do igarapé das Almas e das intervenções realizadas no local.

A partir da análise do espaço através dos usos atribuídos a ele, encontram-se os significados existentes hoje na Avenida, que provoca uma reflexão a respeito do processo de urbanização, pela introdução da técnica de canalização no igarapé. Trata-se da discussão que permeia os propósitos pelos quais a natureza é modificada para receber uma infraestrutura urbana.

Para a contextualização do espaço foi necessário realizar levantamentos bibliográficos e documental, e entrevistas com agentes pontuais para entender como se processou a transformação do espaço. Foram analisados os registros fotográficos dos elementos que compõe a Avenida e os resultados de questionários aplicados aos frequentadores locais, para a identificação dos principais usos e signos existente.

Concluimos, nesta pesquisa, que a Avenida foi estruturada sob ações estratégicas, provenientes do poder público e instituições, conforme interesses que não consideravam as origens naturais do local e que geraram problemas sociais e ambientais.

Palavras-chave: Belém; espaço urbano; técnica; igarapé.

ABSTRACT

IGARAPÉ DAS ALMAS: a cartography of Avenida Visconde de Sousa Franco, Belém-PA.

The urban space is composed of several elements that express its context. This research presents how the space of Avenida Visconde de Sousa Franco in Belém of Pará developed to the detriment of the transformations of the Igarapé das Almas and the interventions carried out on the site.

From the analysis of space through the uses attributed to it, we find the meanings that exist today in Avenida, which provokes a reflection about the process of urbanization, by the introduction of the channeling technique in the igarapé. It is the discussion that permeates the purposes for which nature is modified to receive urban infrastructure.

For the contextualization of space, it was necessary to carry out bibliographical and documentary surveys, and interviews with punctual agents to understand how the transformation of space took place. The photographic records of the elements that make up the avenue were analyzed, and the results of questionnaires applied to local visitors, to identify the main existing uses and signs.

We concluded, in this research that the Avenue was structured under strategic actions, coming from the government and institutions, according to interests that did not consider the natural origins of the place and which generated social and environmental problems.

Keywords: Belém; urban space; technique; igarapé.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DNOS – Departamento Nacional de Obras de Saneamento

FAMAZ – Faculdade Metropolitana da Amazônia

FUNASA – Fundação Nacional de Saúde

RMB – Região Metropolitana de Belém

SEFA – Secretaria da Fazenda

SESAN – Secretaria Municipal de Saneamento

SESC – Serviço Social do Comércio

UNIMED – Unidade Médica

URE – Unidade de Referência Especializada

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Quadro 01 - Trecho 1, Rua Municipalidade, Rua Belém, até a Rua Marechal Hermes.....	78
Quadro 02 - Trecho 1, Lado da Rua Municipalidade até a Rua Marechal Hermes.....	78
Quadro 03 - Trecho 2, Lado da Rua Senador Manoel Barata até a Rua Municipalidade.....	79
Quadro 04 – Trecho 2, Lado da Rua Cônego Jerônimo Pimentel até a Rua Municipalidade.....	79
Quadro 05– Trecho 3, Lado da Rua Aristides Lobo até a Rua Manoel Barata.....	80
Quadro 06– Trecho 3, Lado da Rua Antônio Barreto até a Rua Cônego Jerônimo Pimentel.....	80
Quadro 07– Trecho 4, Lado da Rua Boaventura da Silva e Rua Tiradentes.....	81
Quadro 08 – Trecho 4, Lado da Rua Boaventura até a Rua Antônio Barreto.....	81
Quadro 09 - Respostas tabuladas dos questionários.....	104

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Esquema 1 - Metodologia.....	26
Esquema 2 - Triangulação de dados.....	28
Fotografia 3: Cartografia dos bairros Cidade Velha e Campina, separados pelo Igarapé do Piri.....	32
Fotografia 4 - Área portuária do Reduto Figura.....	33
Fotografia 5 - Praça General Magalhães.....	33
Fotografia 6 - Canal do Reduto onde era a praça General Magalhães.....	34
Fotografia 7 - Atual canal da Av. Visconde de Sousa Franco.....	34
Ilustração 8 - Cartografia da década de 1990 dos bairros do Reduto e do Umarizal, divididos pela Avenida Visconde de Sousa Franco.....	35
Fotografia 9: Foto colorizada do Igarapé das Almas, obtida por Robert Swaton Platt.....	36
Fotografia 10 - Novas lojas após as obras.....	38
Figura 11 - Supermercado Líder, 1997.....	38
Mapa 12 - Identificação da Avenida Visconde de Sousa Franco e parte do comércio do local.....	39
Fotografia 13 - Favela da Marechal Hermes sobre o Igarapé das Almas.....	40
Fotografia 14 - Prédios da Avenida Visconde de Sousa Franco, 1980.....	42
Figura 15 - Avenida Visconde de Sousa Franco alagada.....	43
Figura 16 - Alagamentos.....	43
Fotografia 17 - Obras do Igarapé das Almas.....	44
Fotografia 18 - Obra na rua 28 de Setembro.....	44
Cartografia 19 - Arquivo em Cad das Bacias Hidrográficas da RMB.....	45
Cartografia 20 - Formação atual da Avenida Visconde de Sousa Franco.....	46
Fotografia 21 - Av. Visconde de Sousa Franco, às 12h.....	55
Fotografia 22 - Vista da Avenida.....	55
Fotografia 23 - Frequentadores na Avenida.....	56
Fotografia 24 - Fluxo de pessoas às 20h.....	56
Fotografia 25 - Cruzamento da Rua Boaventura da Silva.....	57
Fotografia 26 - Cruzamento da Rua Domingos Marreiros.....	57

Fotografia 27 - Av. Visconde de Sousa Franco e Antônio Barreto.....	57
Fotografia 28 - Av. Visconde de Sousa Franco e Rua Tiradentes.....	57
Fotografia 29 - Av. Visconde de Sousa Franco com a Rua Tiradentes.....	57
Fotografia 30 - Av. Visconde de Sousa esquina Franco com a Rua Boaventura..	57
Fotografia 31 - Av. Visconde de Sousa Franco e Rua Bernal do Couto.....	58
Fotografia 32 - Av.Visconde de Sousa e Rua Franco Jerônimo Pimentel.....	58
Fotografia 33 - Av. Visconde de Sousa Lemos e Rua Senador Lemos.....	58
Fotografia 34 - Av.Visconde de Sousa Franco Franco e Rua Municipalidade.....	58
Fotografia 35 - Av.Visconde de Sousa Franco e Rua Marechal Hermes.....	58
Fotografia 36 - Av. Visconde de Sousa Franco e Rua Pedro Álvares Cabral.....	58
Fotografia 37 - Av. Visconde de Sousa Franco e Porto Hidroviário.....	59
Fotografia 38 - Av. Visconde de Sousa com a Rua Pedro Álvares Cabral.....	59
Fotografia 39 - Av. Visconde de Sousa Franco e Rua 28 de Setembro.....	59
Fotografia 40 - Av. Visconde de Sousa Franco e Rua Senador Manoel Barata....	59
Fotografia 41 - Av. Visconde de Sousa Franco esquina com a Rua Aristides Lobo.....	59
Fotografia 42 - Av. Visconde de Sousa Franco e edifício Atlanta.....	59
Cartografia 43 - Cartografia de identificação do local e do sentido dos registros fotográfico.....	60
Cartografia 44 - Distribuição dos questionários por trecho.....	61
Ilustração 45 - Doca da Av. Visconde de Sousa Franco, 1935 e 2019.....	62
Fotografia 46 - Avenida Visconde de Sousa Franco, 2019.....	66
Cartografia 47 - Indentificação dos Elementos da Avenida Visconde de Sousa Franco.....	71
Fotografia 48 - Reurbanização da Av.Visconde de Sousa Franco em 1995.....	72
Fotografia 49 - Canal da Avenida.....	73
Fotografia 50 - Guarda-corpo do canal.....	73
Fotografia 51 - Vista de um ponto nodal.....	74
Fotografia 52 - Esquina da Rua Antônio Barreto com a Avenida Visconde de Sousa Franco.....	74
Fotografia 53 - Pracinha da Rua Bernal do Couto.....	74
Fotografia 54 - Calçadão do canal.....	75
Fotografia 55 - Caminho no entorno do canal.....	75

Fotografia 56 - Vista da Avenida Visconde de Sousa Franco com o Reduto à esquerda e o Umarizal à direita.....	76
Fotografia 57 - Vista da Avenida Visconde de Sousa Franco.....	77
Cartografia 58 – Avenida Visconde de Sousa Franco.....	82
Fotografia 59 - Companhia Docas do Pará - Porto de Belém.....	83
Fotografia 60 - <i>Trailers</i> de lanche.....	84
Figura 61: - Fachada da Famaz.....	85
Fotografia 62 - Fachada da Sefa.....	86
Fotografia 63 - Fachada da concessionária Fiat.....	87
Fotografia 64 - Edifício comercial.....	88
Fotografia 65 - Edifício Sunset Boulevard.....	88
Fotografia 66 - Porto Dias Diagnóstico.....	89
Fotografia 67 - Fachada da Unimed.....	90
Fotografia 68 - Espaço Cultural Cabano Maestro Altino Pimenta.....	91
Fotografia 69 - Fachada da Tabaqueira.....	92
Fotografia 70 - Fachada da Funasa.....	93
Figura 71 - Fachada da Funasa.....	93
Fotografia 72 - Fachada do SESC.....	94
Painel 73 - Fachadas, trecho 2.....	95
Fotografia 74 - Edifícios Village Sun e Village Moon.....	96
Fotografia 75 - Edifícios Village.....	96
Fotografia 76 - Fachada URE.....	97
Fotografia 77 - <i>Shopping</i> Boulevard.....	98
Fotografia 78 - Edifício Atalanta.....	98
Fotografia 79 - Fachada do edifício Atalanta.....	98
Painel 80 - Fachadas, trecho 03.....	99
Fotografia 81 – Supermercado Lider.....	100
Fotografia 82 - Fachada da loja Sol Informática.....	101
Fotografia 83 - Fachada do edifício Times Square.....	101
Painel 84 - Prédios pichados e depredados.....	102
Fotografia 85 - Final da Avenida Visconde de Sousa Franco com a Rua Boaventura da Silva.....	103
Fotografia 86 - Ver-o-Peso.....	105

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 METODOLOGIA.....	24
2 OS CONTORNOS DO RIO	30
2.1 A CIDADE NO RIO	30
2.2 O COMÉRCIO NO RIO	36
2.3 AS PESSOAS NO RIO.....	39
2.4 A TÉCNICA NO RIO.....	42
3 CARTOGRAFANDO	49
3.1 ENTREVISTAS	51
3.1.1 Entrevista com o engenheiro da Assessoria Técnica da Sesan.....	52
3.1.2 Entrevista com Aurélio do Carmo.....	53
3.1.3 Entrevista com um morador da cidade, Edilton Wanzeler Figueiredo.	54
3.2 REGISTROS FOTOGRÁFICOS	55
3.3 APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIOS AOS FREQUENTADORES DA AVENIDA	61
4 CARTOGRAFIA	65
4.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	66
4.2 LEVANTAMENTO DOS ELEMENTOS DA AVENIDA	69
4.2.1 Análise dos usos e dos signos.....	77
4.3 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS	103
4.4 AS MEDIAÇÕES DO ESPAÇO	106
CONCLUSÃO.....	109
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	115
APÊNCIDES.....	118
ANEXOS.....	128

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

A cidade de Belém, capital do estado do Pará, ao longo do seu processo de urbanização, vem alterando os cursos naturais de seus rios e afluentes, pelos quais é entrecortada, para dar lugar à infraestrutura urbana, o que levou à construção de diversos canais de concreto.

Considerando essa perspectiva, nesta pesquisa, procura-se compreender o espaço atual da Avenida Visconde de Sousa Franco, localizada entre os bairros do Reduto e do Umarizal, na capital paraense, chamada pelos moradores da cidade de “Doca”¹. Tomou-se a avenida como objeto de pesquisa por ser um espaço que sofreu grande intervenção e, hoje, é ocupado por infraestrutura urbana e de saneamento, com canal de concreto, iluminação pública, rodovias, calçadas, canteiros e prédios comerciais e residenciais. Encontra-se, nesse espaço, o que Ferrara (2009) define como uma “tessitura de usos”, que desenha uma linguagem inusitada e de alta taxa informacional.

O canal da Avenida Visconde de Sousa Franco era originalmente um igarapé², denominado “Igarapé das Armas” ou “Igarapé das Almas”. O primeiro nome foi dado por ser onde os cabanos esconderam suas armas após a revolução da Cabanagem³; o segundo, devido à existência de relatos de pessoas que “viam” as almas dos combatentes da revolução andando no local (MONTEIRO, 2007). Ambos os nomes são usados ainda hoje.

Ao longo do relato da pesquisa, usar-se-á o nome “Igarapé das Almas”, não apenas pelo mito da região, mas pelo uso da palavra “alma”, do hebraico *néphesh* e do grego *psykhé*, e que significa “ser”. Trata-se aqui dos seres que se relacionam com o meio e estão afetos às transformações que surgem a partir de suas trocas informacionais.

O Igarapé das Almas é um braço do rio que faz parte da bacia hidrográfica do Reduto. Devido a isso, nesta pesquisa, trata-se por vezes do rio como um todo,

¹ Até hoje, é assim conhecida pelos moradores da cidade devido ao funcionamento de docas, por muito tempo, à margem do Igarapé das Almas.

² Curso d’água, de água doce, constituído por um braço longo do rio.

³ Revolta social popular ocorrida durante o Império do Brasil, na antiga Província do Grão-Pará, que abrangia os atuais estados do Pará, Amazonas, Amapá, Roraima e Rondônia. A revolta se estendeu de 1835 a 1840.

para apreender o conjunto que envolve seus igarapés e afluentes e entender o processo de urbanização da cidade. Por isso, para explicar a transformação do Igarapé das Almas, fala-se de “rio” como algo maior e complexo e do igarapé, como a sua representação. No entanto, atualmente, o Igarapé das Almas é reconhecido apenas como um canal, de forma artificial, distante de suas origens naturais. Quem o conhece se refere a ele como o “antigo Igarapé das Almas”.

Até os anos 1960, o Igarapé das Almas tinha sua forma natural. Entretanto, com o advento da técnica de canalização, para dar vez às rodovias e à infraestrutura urbana, os rios da cidade foram modificados e, como consequência das modificações estruturais, as relações entre as pessoas e o igarapé também mudou.

Este estudo parte de 1963, quando o Departamento Nacional de Obras de Saneamento — DNOS iniciou o projeto de canalização. Contudo, foram coletados alguns dados de anos anteriores a fim de contribuir com o entendimento do cenário a partir da década de 1960. A introdução de novas técnicas é tratada por Santos (2006) como reveladora da história e da compreensão do espaço, por isso, a referência temporal desta investigação se inicia no momento de intervenção nesse espaço por meio da técnica de canalização.

Delineamento do problema

A Avenida Visconde de Sousa Franco divide dois bairros — Umarizal e Reduto — com construções destinadas a residências e ao comércio e grande circulação de moradores, trabalhadores e passantes que procuram o local para atividades de esporte e lazer. No centro da avenida, destaca-se o canal, que apresenta problemas de odor, sujeira e alagamentos que ocorrem no período das chuvas, causando transtornos na circulação de pessoas e dificultando o uso do local.

Uma das consequências das transformações e dos aterramentos realizados na cidade de Belém, ocorridos desde o século XIX, foi a construção da Avenida Visconde de Sousa Franco sobre o Igarapé das Almas, nos anos 1960. A população que habitava o entorno foi removida para abrir espaço ao canal e para vias rodoviárias.

A transformação do espaço tratado nesta pesquisa culminou, portanto, na canalização do igarapé para dar suporte à infraestrutura urbana que enclausurou parte do rio em uma estrutura de concreto. Segundo Harvey (2015), algumas ações humanas sujeitam a natureza para criar infraestrutura e sistema de transporte que dão fundamento à acumulação de capital.

Hoje, os indivíduos enxergam o igarapé como um grande receptor de lixo e esgoto e o tratam dessa forma. Ginzburg (2012) afirma, em sua leitura da obra do filósofo alemão que discorria principalmente sobre a arte, Walter Benjamin, que observar os rastros pode ajudar a entender o passado, pensando-se na existência à luz das perdas. Na busca pelos rastros, fez-se necessário identificar o momento em que se perdeu o convívio direto com o igarapé e como ocorreram as modificações das infraestruturas e dos usos.

Ferrara (1993) afirma que os sinais são as marcas que o processo de transformação social deixa no espaço e no tempo, contando uma história não-verbal, que se nutrem de imagens, máscaras, fetiches concretizados em usos, hábitos, valores e expectativas. Dessa maneira, fez-se necessário captar esses sinais e interpretá-los, a fim de alcançar a inteligibilidade dos dados levantados.

Procurou-se, portanto, compreender o contexto atual por meio das diversas decisões e transformações ocorridas no local investigado até se chegar à infraestrutura encontrada atualmente. Pois, para a formação do espaço que existe hoje, foram necessárias diversas interações e intervenções, que possuem suas marcas no espaço.

Objetivos

Objetivo geral

Compreender o contexto atual da Avenida Visconde de Sousa Franco por meio dos usos atribuídos aos seus espaços, através do processo de urbanização, em detrimento da transformação do igarapé.

Objetivos específicos

- Cartografar a Avenida Visconde de Sousa Franco por meio das memórias existentes sobre o Igarapé das Almas e suas contribuições na produção do espaço atual.
- Identificar os principais elementos que compõem a Avenida Visconde de Sousa Franco, os seus significados e os usos que lhe são atribuídos.
- Entender como se estabelecem as diversas interações dos sujeitos com o espaço atual e a sua memória sobre o igarapé.
- Gerar uma reflexão a partir de um comparativo entre o contexto que antecede a canalização do igarapé e o contexto atual, com base nas intervenções identificadas nesse espaço por meio desta pesquisa.

Justificativa

Pode-se perguntar como uma cidade é formada, o que motiva o seu desenvolvimento urbano e quais as estratégias de consolidação ao se deparar com questões que despertam curiosidade sobre um determinado espaço urbano. Tais questões são levantadas quando se identifica problemas que não são compreendidos ou dos quais não se pode obter uma resposta imediata. No entanto, ao considerar que se vive em um tempo no qual o “progresso” chegou, que se ultrapassou a revolução industrial e que se dominou o poder de técnica, configura-se a ilusão de que um meio pode ser urbanizado sob quaisquer circunstâncias.

A cidade de Belém, capital do estado do Pará, desperta questionamentos quanto à sua formação, pois foi urbanizada sob forte influência do movimento nas suas bacias hidrográficas. “O município de Belém possui atualmente 14 (quatorze) bacias hidrográficas. A maior parte da área continental do município encontra-se em cotas inferiores a 4 (quatro) metros” (SESAN, 2016). A cidade se encontra, portanto, inserida nessas bacias, o que, por conseguinte, lhe impõe uma condição de terrenos alagados ou sujeitos a inundações — de maneira permanente ou intermitente.

O local em que se encontra a Avenida Visconde de Souza Franco, em Belém, está sob essa condição de terrenos alagados, pois ali existia o Igarapé das Almas,

comumente usado para o comércio até a década de 1960. Contudo, no desenvolvimento da cidade, o Igarapé foi aterrado, sendo realizadas as obras de saneamento e introdução das técnicas de engenharia sob a aplicação das quais os rios da cidade passaram a ser canalizados.

Nesta pesquisa, a Avenida Visconde de Sousa Franco se apresenta como um reflexo do processo de formação de Belém por meio do estudo de sua complexidade e da compreensão das suas necessidades, uma vez que a representação da realidade gera a apreensão de um contexto. É por isso que essa via representa algo maior, mais complexo, que é a cidade.

Um aspecto interessante, e bastante útil, é que uma descrição da realidade, sua “representação”, é uma redução daquela realidade, como que pudéssemos reduzir um objeto à imagem dele – ou então, “reduzir” a realidade à sua representação. Aqui está a grande questão do Metadesign da Arquitetura Livre: compreender algo envolve, quase que sempre, sua redução, mas acreditar que essa redução da representação basta para suprir uma representação definitiva é um problema grave. No entanto, é praticamente impossível lidar com as coisas sem que façamos usos de representações, e por isso é importante ter-se em mente que essa simplificação é um ato criativo e subjetivo. (VASSÃO, 2010, p. 25).

Logo que o Igarapé das Almas foi enclausurado em um canal de concreto, diversas interferências foram sendo feitas nesse espaço no decorrer do tempo, desde a forma de uso e aproveitamento do solo até a remoção de famílias que habitavam o entorno. Apesar de se localizar em uma rua totalmente urbanizada, de uso comercial e residencial, hoje, o canal é utilizado como receptor de esgoto *in natura* lançado por novas construções, de forma irregular, e para o descarte de lixo pela população em geral, o que provoca obstruções na rede de drenagem e alagamentos com odor, gerando uma crise nesse ambiente.

Embora muito dos desafios ambientais que as cidades enfrentam sejam mais substanciais do que nunca, a compreensão e as ferramentas disponíveis para enfrentá-los são muito mais sofisticados. Precisam apenas ser aplicadas. A natureza na cidade deve ser cultivada e integrada com os vários propósitos dos seres humanos, mas primeiro precisa ser reconhecida e seu poder de conformar os empreendimentos humanos avaliado. (SPIRN, 1995, p. 27).

Apresenta-se relevante, portanto, gerar uma reflexão sobre a transformação nos espaços urbanos que sofreram diversas intervenções e interações, como a cidade de Belém, que se desenvolveu sob uma configuração de avenidas

composta por canais em seu centro. Para satisfazer essa questão, o design é fundamental, conforme aponta Heskett (2008), pois é determinante na qualidade de vida dos sujeitos, uma vez que afeta, sob vários aspectos, tudo o que os indivíduos realizam em seu cotidiano.

Bonsiepe (2011), tomando como base o filólogo especialista em literatura comparada Edward Said, estende o humanismo e as intenções do autor ao design. O estudioso trata o humanismo como o exercício das competências da linguagem para compreender, interpretar e lidar com os produtos da linguagem na história, direcionando para o “humanismo projetual”, que “seria o exercício das capacidades projetuais para interpretar as necessidades de grupos sociais e elaborar propostas viáveis, emancipatórias, forma de artefatos instrumentais e artefatos semióticos” (BONSIEPE, 2011, p. 21).

O design está presente no meio, no dia a dia e na relação do ser humano com o meio ambiente, ao mesmo tempo que impulsiona para a mudança e a resolução de problemas, devendo alcançar questões ecológicas do meio urbano. Dessa maneira, este estudo instiga o pesquisador a pensar conforme o “arquiteto rebelde” proposto por Harvey (2015), que, para ele, são todos os indivíduos, com suas potencialidades e capacidades. Como arquitetos inclinados à rebeldia, há que se ponderar estratégica e taticamente acerca do mudar e, sobretudo, do agir.

Apresenta-se significativo, portanto, para a apreensão do espaço atual que envolve o Igarapé das Almas, a partir dos artefatos instrumentais e semióticos, analisar tais artefatos sob a luz do design crítico, ponderar sobre a forma de se pensar em projetar e refletir sobre o espaço que é afetado por problemas ambientais e sociais, que poderia crescer de maneira mais equilibrada e democrática.

Os problemas gerados no desenvolvimento da Avenida Visconde de Sousa Franco fazem com que se busque entender o motivo pelo qual ocorre um desordenamento e uma crise ambiental a partir da infraestrutura urbana local, do seu processo de formação e da transformação do Igarapé das Almas em um canal de concreto.

As variáveis contextuais são as mais diversas para dar origem à percepção ambiental urbana, conforme aponta Ferrara (1993). Para esta pesquisa, a cartografia do espaço investigado e dos elementos que compõem seu contexto

atual, com base em levantamentos bibliográfico e documental, entrevistas, registros fotográficos e aplicação de questionário para estudo de caso, mostram-se fundamentais para tal percepção.

A dissertação está apresentada, portanto, em quatro capítulos:

1) O primeiro capítulo trata da metodologia de trabalho, compreendendo os procedimentos de levantamento bibliográfico, de campo e das análises dos dados levantados, com base no processo de pesquisa de Ferrara (1993), na identificação dos usos e dos signos de Ferrara (2009) e no método de triangulação de dados.

2) No segundo capítulo, apresenta-se uma contextualização histórica das formas de uso e apropriação do igarapé e das transformações dos bairros do Reduto e do Umarizal. A partir desses indícios, estabeleceram-se os principais agentes de transformação do espaço que estavam atrelados ao rio e a compreensão do contexto antes da canalização do igarapé.

3) O terceiro capítulo é dedicado ao processo de levantamento de dados para a construção da cartografia. Iniciou-se com entrevistas com pessoas de distintos pontos de vista e a realização de registros fotográficos, com o objetivo de verificar os elementos que compõem o espaço atual. Procurou-se observar a formação da Avenida Visconde de Sousa Franco, bem como identificar os diversos usos dos seus espaços. Também foram aplicados questionários elaborados aos frequentadores da Avenida Visconde de Sousa Franco, que circulam o entorno do canal, em que se buscou saber se existia uma percepção do antigo igarapé no imaginário coletivo e verificar os usos atuais praticados nos arredores do canal.

4) No quarto capítulo, apresenta-se a análise e os resultados dos levantamentos realizados. Ferrara (1993) identifica que existem alguns emblemas e imagens que suportam e condicionam a própria apreensão da cidade enquanto comunicação. Nesta pesquisa, as imagens e os emblemas da Avenida Visconde de Sousa Franco foram lidos em espaço e tempo delimitados, considerando-se os usos passados e atuais. Neste mesmo capítulo, estão ainda os resultados da cartografia e, por sua vez, da pesquisa. As conclusões resultam da leitura desses dados, bem como uma

análise comparativa do contexto da década de 1960 (antes da técnica de canalização) e do atual.

1 METODOLOGIA

A percepção dos indivíduos em relação ao Igarapé das Almas e à Avenida Visconde de Sousa Franco é contrastante em razão da diversidade de memórias e significados decorrente dos usos atribuídos ao espaço em sua formação e no contexto atual. Segundo (FERRARA, 2009, p.119): "o contexto contribui para o significado da cidade e toda mudança do contexto implica alteração daquele significado".

Compreendendo a cidade como Ferrara (2009), observou-se que ela não é apenas um dado, mas também um processo contextual em que tudo é signo e linguagem. A cidade anuncia um contexto a partir das avenidas, praças, monumentos e edificações, que configuram uma realidade sógnica que informa sobre seu próprio objeto. Dessa maneira, para apreender o seu contexto, fez-se necessário identificar esses elementos que falam de si.

Serres (1997) afirma que existem diversas particularidades em diferentes espaços (como rios, relevos e paisagens) e que não é possível compreendê-los apenas por uma regra ou lei geral pré-definidas. Considerando essa assertiva, esta pesquisa visa identificar, por meio de uma cartografia, os elementos da atual Avenida Visconde de Sousa Franco, os seus signos e os usos atribuídos a ela por meio das ações táticas dos indivíduos, a fim de compreender as particularidades desse espaço.

Neste estudo, usar-se-á o conceito de "contracartografia", que, segundo Mesquita (2013), atua de maneira tática sobre o tempo da ação, e de maneira estratégica na análise das redes e do espaço, que motivam percepções e olhares críticos sobre a realidade, confrontando, assim, o que está estabelecido.

As ações táticas dos indivíduos sobre os usos no meio urbano demonstram a forma como procuram atender, de maneira mais informal, às suas necessidades relacionadas à cidade, dando novos usos ao espaço. Já as ações estratégicas partem de agentes pontuais, de maneira institucionalizada, que direcionam a cidade conforme os planejamentos e interesses de tais agentes.

Essas táticas manifestam igualmente a que ponto a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula, ao passo que as estratégias escondem sob cálculos objetivos a sua relação com o poder que os sustenta, guardado pelo lugar próprio ou pela instituição" (CERTEAU, 1994, p. 46-47)

Dessa forma, a construção da cartografia foi feita a partir da análise dos usos atribuídos aos espaços da Avenida Visconde de Sousa Franco, os quais demonstram as ações táticas a partir da população e as ações estratégicas a partir de instituições e empreendimentos, pois tal relação nos revela os significados existentes; é o que Ferrara (2009) define como “signo contextual”.

Ferrara (1993) realizou um levantamento a partir de fotografias registradas pela população local de São Miguel Paulista, onde foram selecionados alguns temas para que os moradores pudessem fotografar e, por meio da análise desses temas, chegar ao contexto daquele espaço. Com base nessa experiência, decidiu-se também selecionar temas das atividades praticadas pelos indivíduos, através de registros fotográficos da Avenida Visconde de Sousa Franco, e identificar os elementos e usos atribuídos aos espaços conforme a pesquisa de Ferrara (2009).

Quando não se trabalha com objetos artísticos claramente definidos em seus signos, por exemplo, os sistemas de representação parecem indefinidos e vazios de significados. Porém, descobri-los, torná-los legíveis nos parece indispensável como contribuição à prática de intervenção urbana que trabalha colada àquela realidade banal da cidade. (FERRARA, 1993, p. 106)

Fez-se uma abordagem baseada em Lynch (1960), que estabelece alguns critérios de análise da cidade pensando-se na relação que os indivíduos têm com determinados elementos de um bairro. Conforme Mayol (2013), o bairro organiza uma estrutura que envolve um movimento de ir e vir, da dinâmica social e do recolhimento íntimo; e são pelas diversas práticas que se pode tomar conhecimento disso, pois o bairro é sempre uma relação entre um “sujeito público” e o mundo físico e social.

Realizou-se, também, um levantamento com os indivíduos que frequentam o entorno do canal, a fim de verificar o uso atual desse local e se há o reconhecimento dele como um antigo igarapé. O intuito é o de verificar, no público que interage com o espaço, se existe memória acerca deste por meio do conhecimento histórico, cultural ou popular de antes das obras de canalização e saneamento, isso baseado na frequência desse público circulando pelo espaço, seja de moradores, trabalhadores ou transeuntes ocasionais advindos de outros bairros.

Dessa forma, a estratégia metodológica dividiu-se da seguinte maneira:

Esquema 1 - Metodologia.



Fonte: Criação da autora

1) Contextualização histórica

A primeira etapa da pesquisa consiste na contextualização histórica. Ferrara (1993) define a contextualização como atividade estrutural e exigência metodológica, diferentemente do contexto, que é uma estrutura pouco explícita. A fim de recuperar dados de antes da canalização até a configuração do espaço atual relativos ao Igarapé das Almas, realizou-se pesquisa bibliográfica e documental, com o objetivo de compreender a formação desse espaço. A partir de fontes bibliográficas e acervos documentais e iconográficos da Secretaria Municipal de Saneamento de Belém – Sesan, verificou-se as principais transformações do local estudado.

2) O processo cartográfico

Iniciou-se o processo cartográfico com uma entrevista realizada com o chefe da Assessoria Técnica da Sesan, Antônio Carlos Ferreira, que auxiliou na compreensão de algumas especificidades das transformações do canal. Levantou-se, também, dois relatos gravados e escritos, guiados por questionários, que serviram de roteiro de entrevista: o primeiro, com o então governador do estado do Pará no ano de 1960, Aurélio do Carmo; o segundo, com o senhor Edilton

Figueiredo, morador do bairro de Fátima, vizinho ao bairro do Umarizal — onde está parte da Avenida Visconde de Sousa Franco — que utilizava embarcações para se deslocar até próximo ao Igarapé das Almas, quando viajava do município de Cametá até Belém.

Para identificar os principais elementos que compõem a Avenida Visconde de Sousa Franco, fez-se necessário realizar registros fotográficos do local, nos horários de maior circulação de pessoas, em dias de semana intercalados, o que foi fundamental na descrição dos usos desse espaço.

Nesta mesma etapa, foram aplicados questionários abertos e sucintos aos frequentadores da Avenida Visconde de Sousa Franco: os indivíduos deveriam reconhecer uma fotografia do Igarapé das Almas na década de 1930 para, assim, saber se havia conhecimento da memória e da configuração anterior do igarapé, bem como apontar o motivo de estarem circulando no entorno do canal, a fim de contribuir para o levantamento e a identificação dos usos atuais do espaço.

3) Triangulação dos dados

As informações e os dados obtidos no processo cartográfico foram analisados pelo método de triangulação de dados. Flick (2009) define a triangulação como uma combinação de metodologias diferentes para analisar o mesmo fenômeno, de modo a consolidar a construção de teorias sociais.

Para adotar um pensamento reflexivo conceitual e prático do objeto de estudo da pesquisa sob diferentes perspectivas, este método de análise possibilita complementar, com riqueza de interpretações, a temática pesquisada, ao mesmo tempo que se aumenta a consistência das conclusões.

De acordo com Weiss (1998), quando se utiliza o referido método, as evidências obtidas são consideradas sólidas, pois se reduz eventuais vieses no processo de coleta. Neste estudo, o processo de triangulação consistiu na articulação dos dados, o que corresponde ao levantamento fotográfico e aos questionários aplicados, juntamente com o referencial teórico e a análise da conjuntura.

Esquema 2 - Triangulação de dados.



Fonte: Criação da autora

Dessa forma, a interpretação dos dados se iniciou pela identificação do contexto apresentado pelas informações obtidas nas entrevistas e nos elementos existentes nas fotografias. Realizou-se a avaliação dos elementos categorizando-os por temas, seguido de análise ampla dos usos atribuídos a eles a partir dos seus signos. Posteriormente, analisou-se as ações táticas e a memória que se tem sobre o igarapé por meio das respostas obtidas nos questionários aplicados e tabulados. Por fim, realizou-se a leitura de tais questionários, relacionando-os às ideias desenvolvidas pelos autores que fundamentam esta pesquisa.

4) Cartografia

A última etapa consiste no desenho da cartografia com a descrição dos resultados obtidos na triangulação dos dados, a fim de se apreender o espaço atual em relação àquele que existia antes da introdução da técnica de canalização. A cartografia é ilustrada e, com ela, se objetiva devolver à população o resultado obtido neste estudo, cumprindo a função a que se propõe: ser uma contracartografia. Esta etapa consiste, portanto, na apresentação do resultado da pesquisa.

OS CONTORNOS DO RIO

2 OS CONTORNOS DO RIO

Neste capítulo, tratar-se-á sobre como o Igarapé das Almas, braço da baía do Guajará, foi moldado em diferentes momentos socioespaciais da cidade, até culminar em seu processo de canalização. Procurou-se compreender a dinâmica de uso do rio e de suas águas diante das transformações da cidade e das trocas informacionais ocorridas nesse espaço por meio de levantamentos bibliográficos e documentais.

Atualmente, o Igarapé das Almas divide os bairros do Reduto e do Umarizal. Conforme aponta Trindade (1997), a área, por estar em contato com o núcleo histórico e outros espaços de ocupação mais recente, vivenciou os vários processos de construção do espaço urbano de Belém: o de centralização e consolidação da área central, o de descentralização, o de substituição (invasão-sucessão) e o de inércia.

2.1 A CIDADE NO RIO

Belém, capital intitulada inicialmente “Santa Maria de Belém do Pará”, foi fundada por portugueses em 12 de janeiro de 1616, com a construção de um forte, hoje conhecido como Forte do Castelo. O nome do forte homenageia Francisco Caldeira Castelo Branco, Capitão-Mor do Rio Grande do Norte e descobridor do Rio Amazonas. Castelo Branco navegou por rios que adentravam a floresta tropical e aportou na baía do Guajará, que fazia margem com o rio Guamá e a entrada do Igarapé do Piri. Ali, estabeleceu-se o forte para a proteção das novas terras descobertas, frente às ameaças de apropriação que ocorriam por parte dos ingleses e holandeses nessa região.

Situada a pouco mais de um grau de latitude sul, junto à foz do rio Amazonas, às margens de um braço secundário, localmente conhecido como baía do Guajará, a capital do Pará encontra-se cerca de 120 quilômetros do mar. (PENTEADO, 1968, p.38).

A partir do forte, nasceu a “cidade” conhecida hoje como o bairro da Cidade Velha, com casarões, igrejas e praças margeando os braços e afluentes do rio.

No entanto, a partir de 1771, surgiu um plano para fazer Belém “mais bela que Veneza”, de acordo com Penteado (1968). Desenvolveu-se um projeto, idealizado pelo Major Engenheiro Gaspar João Gronfelts, para solucionar os problemas de saneamento e drenagem da cidade, iniciando-se pelo Igarapé do Piri, que ficava entre os dois principais bairros já consolidados: Cidade Velha e Campina.

A proposta, que consistia em aproveitar o curso natural dos rios e fazer um lagamar para que, nessa área, as águas de inundação do rio naturalmente a ocupassem, não foi executada, conforme aponta Trindade (1997). Posteriormente, durante o governo de Conde dos Ancos, em 1803, surgiu a proposta de saneamento do Piri, com o intuito de fazer a expansão urbana para o bairro da Campina. O Igarapé do Piri, no projeto do Major, seria navegável e teria entrada para o Igarapé do Reduto.⁴

⁴ O Igarapé do Reduto localiza-se no bairro do Reduto, que ganhou esse nome devido ao início de sua ocupação ser marcada por uma pequena praça de guerra, que ajudava a proteger a cidade juntamente com o forte, de acordo com Trindade (1997).

Cartografia 3: Bairros da Cidade Velha e Campina, separados pelo Igarapé do Piri.



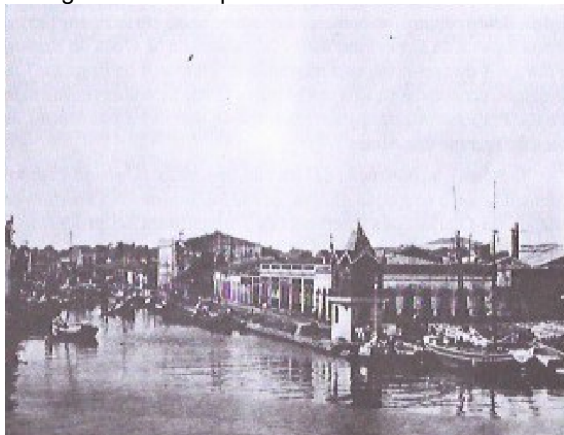
Fonte: Penteadó (1968)

Mais tarde, abandonou-se o projeto de “veneziamento” da cidade e iniciou-se o aterramento do Igarapé do Reduto, realizado pela dinâmica trazida durante ciclo da borracha⁵. Sobre o aterramento, foi estruturada a praça General Magalhães; no entanto, o problema dos alagamentos permaneceu sem resolução.

No início do século XX, o Igarapé do Reduto deixa de existir definitivamente, quando então os ingleses aterraram-no para a construção do Porto de Belém. Nesse processo, decidiram pela eliminação das docas existentes e formaram uma barreira contra as águas da Baía, fechando não só a doca do Reduto, como também desviando a foz do Igarapé das Almas. Essas intervenções ocorreram por volta de 1910. (TRINDADE, 1997, p. 42)

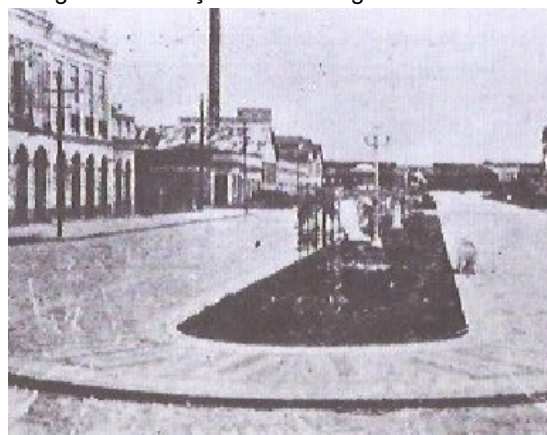
⁵ Um momento na história econômica e social, marcado pela extração do látex das seringueiras para a comercialização da borracha.

Fotografia 4 - Área portuária do Reduto



Fonte: Trindade (1997)

Fotografia 5 - Praça General Magalhães.



Fonte: Trindade (1997)

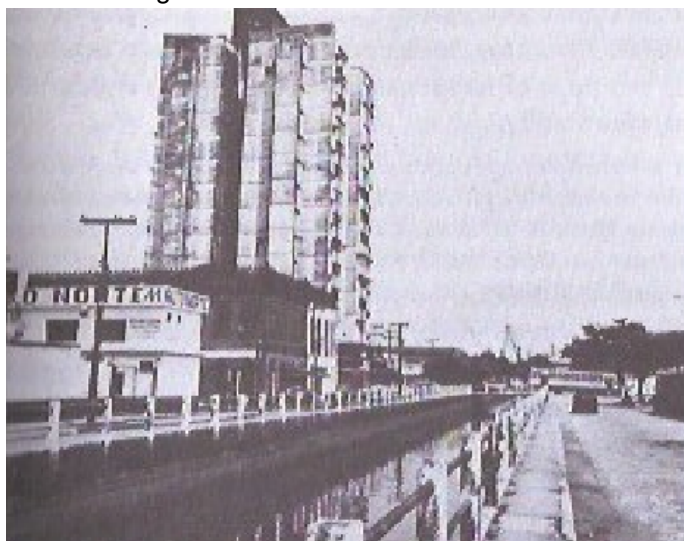
O Igarapé do Reduto foi reaberto na década de 1970, enquanto o Igarapé das Almas estava sendo canalizado para servir como extensão de escoamento das águas do Reduto, pois este precisava de maior dimensão para comportar a maré alta. Entretanto, não foi possível construir um canal mais largo devido às construções já existentes em seu entorno. Então, nos dois igarapés, foram feitas ligações hidráulicas⁶.

Conforme Trindade (1997), a canalização do Igarapé das Almas resultou em um canal com 1.250 metros de extensão, em que parte mede 10 metros de largura e outra parte, 20 metros, ladeado por uma pista de rolamento para tráfego de veículos e revestido de concreto armado, com comportas para a contenção e galerias⁷ de lançamento para a baía do Guajará. A extensão de 20 metros compreende os trechos que vão da Avenida Senador Lemos até a Avenida Marechal Hermes, pois a área disponível na bacia do Reduto era insuficiente devido à proporção requerida para a obra; construiu-se, assim, no bairro do Reduto, uma galeria, que passa sob a Rua Municipalidade, interligando o canal do Reduto com o Igarapé das Almas.

⁶ Conforme a Sesan, as ligações hidráulicas foram feitas por vasos comunicantes para escoar as águas no período de maré alta, do canal do Reduto para o da Visconde de Sousa Franco, no qual as águas são contidas por meio de comportas.

⁷ São dutos de diâmetros calculados para suportar a captação e escoamento de água pluvial proveniente da rede coletora do meio fio.

Fotografia 6 - Canal do Reduto onde era a praça General Magalhães



Fonte: Trindade (1997)

Fotografia 7 – Atual canal da Av. Visconde de Sousa Franco.

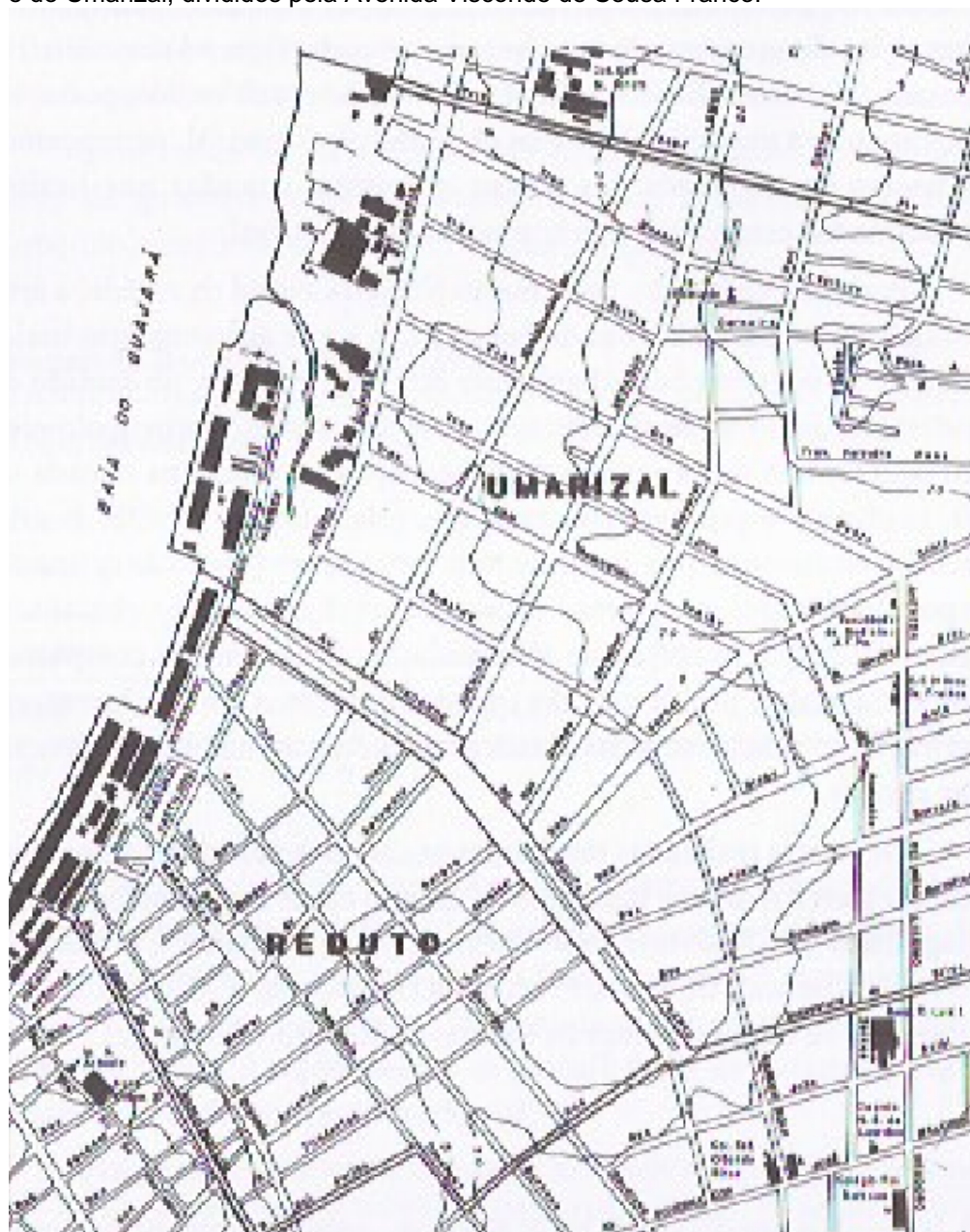


Fonte: Registro da autora

A formação da atual Avenida Visconde de Souza Franco culminou com a canalização do Igarapé das Almas juntamente com o do Reduto, para dar suporte à infraestrutura urbana que enclausurou o rio em uma estrutura de concreto. Isso ocorreu de acordo com os interesses da época, em que as prioridades eram o alargamento das ruas, a construção de redes de saneamento e esgoto e o aterramento de rios e córregos.

A Avenida Visconde de Souza Franco está situada entre os bairros do Umarizal (que possui o metro quadrado mais caro da cidade) e do Reduto (um dos primeiros bairros a ser consolidado). Atualmente, ela conta com uma infraestrutura urbana que envolve calçadas, vias, ciclovias, sinalização, semáforos, canal com guarda-corpo, iluminação pública e diversas construções como *shopping center*, lojas, farmácias, bancos, hospitais, academias, prédios e edifícios comerciais e residenciais.

Ilustração 8 - Cartografia da década de 1990 dos bairros do Reduto e do Umarizal, divididos pela Avenida Visconde de Sousa Franco.



Fonte: Trindade (1997)

Alguns fatores contribuíram para a formação atual do espaço estudado, principalmente o comércio, responsável pela dinâmica e pelo fluxo de pessoas e mercadorias no rio. Por meio dele, foi possível identificar as formas de apropriação do espaço no qual o igarapé estava inserido e como esses processos geraram a forma urbana atual.

2.2 O COMÉRCIO NO RIO

O Igarapé do Reduto, inicialmente intitulado Igarapé da Fábrica, em 1751, devido a uma fábrica de sola instalada na sua foz (MEIRA FILHO, 1976), contribuiu significativamente para o comércio local, visto que permitia a circulação de embarcações para o comércio de cestos, frutas, peixes e artesanatos variados feitos por produtores locais. Essas embarcações saíam da baía do Guajará e entravam no Igarapé das Almas, que fazia a conexão com o mercado de peixes e frutos, o atual mercado do Ver-o-Peso⁸. Posteriormente, a integração com o centro-sul do país e as indústrias se realizaria pela Rodovia Belém-Brasília, fazendo com que, assim, os meios fluviais perdessem importância.

Fotografia 9: Foto colorizada do Igarapé das Almas, obtida por Robert Swaton Platt.



Fonte: Site da FAU – UFPA

⁸ Mercado municipal de Belém, que ficou conhecido por esse nome devido a toda a mercadoria que chegava na região ser pesada para sofrer tributação. Também é considerado a maior feira ao ar livre da América Latina.

Penteado (1968) relata que, em 1835, Daniel P. Kidder⁹ notou as atividades ligadas ao comércio portuário: “em torno da ponta de pedras¹⁰, o desembarcadouro principal da cidade, há, geralmente, grande número de canoas atracadas, com castanhas do Pará, cacau, baunilha urucu, salsaparrilha, bálsamo de copaíba em boiões, peixe seco em pacotes, cesta de frutas de infinitas variedades, tanto secas quanto verdes, encontrava-se também animais como macacos, cobras e papagaios”. Também havia muitos produtos exportados, revelando a grande variedade da produção extrativista, na qual aparecem, também, em grande quantidade, os célebres sapatos de borracha, que, ainda primitivos, precisavam ser transportados com determinado cuidado para que não colassem uns nos outros.

O Igarapé do Reduto deixou de existir para que se efetivasse a construção do porto, devido à dinâmica comercial da economia da borracha.

Na primeira década do século atual (século XX), o porto de Belém começou a ser construído, quando então a Amazônia era a região de maior produção de borracha do mundo e Belém se apresentava como principal centro exportador desse produto. (TRINDADE, 1997, p. 76)

Com a grande quantidade de produtos diversos e a exportação da borracha, que aumentava gradativamente, conforme aponta Penteado (1968), desenvolvia-se uma vida artificial: os preços subiram e se importava tudo sem a preocupação com o custo, pois a borracha “pagava” tudo.

Percebe-se que a dinâmica do comércio sobre os rios começou a mudar devido ao crescimento econômico proveniente da produção da borracha, o que demandou um porto para a atividade crescente de importação e exportação. Nesse momento, o Igarapé do Reduto foi aterrado, mas o Igarapé das Almas permaneceu, onde, então, se intensificou o comércio local.

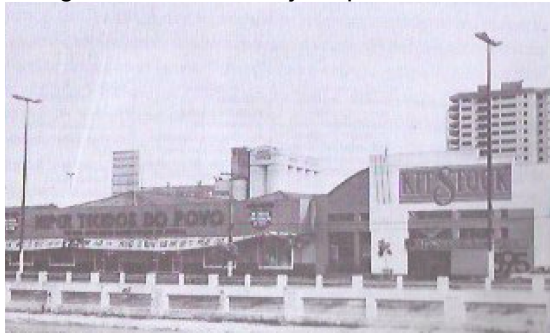
Após a decadência do ciclo da borracha, o comércio local existente no Igarapé das Almas passou a ser feito pelos indivíduos que moravam em suas proximidades. Em 1960, o igarapé foi canalizado e ganhou novas formas de uso no seu entorno. Com o rolamento de pistas, que favoreceu o tráfego de veículos,

⁹ Missionário norte-americano que viajou pelas regiões Norte e Nordeste de 1836 a 1842, fazendo várias observações do cotidiano das cidades.

¹⁰ Quando se constituiu o cais da Marinha, que tinha que guarnecer o litoral, a doca do Reduto foi revestida de pedra e as valas, restauradas.

alterou-se a natureza do comércio, visto que o fluxo de mercadoria na margem do espaço fora removido pela obra.

Fotografia 10 - Novas lojas após as obras.



Fonte: Trindade (1997)

Figura 11 - Supermercado Líder, 1997.



Fonte: Trindade (1997)

Diante da valorização do solo no entorno do Igarapé das Almas e da nova infraestrutura formada no local, o mercado imobiliário se instalou nessa região para o desenvolvimento de novas obras, empurrando, assim, o comércio que havia em torno do rio para outras regiões, especialmente após o remanejamento da população favelada existente para um conjunto residencial da Companhia de Habitação - Cohab do Pará. Com isso, houve o crescimento de novos prédios residenciais, supermercados e lojas comerciais com grandes fachadas.

As peculiaridades desse sítio geraram uma estratégia de ocupação espacial que segue a margem do rio, com forte dependência da comunicação fluvial e de atividades mercantis associadas às práticas extrativistas, que sempre deram suporte aos ciclos econômicos vividos na região até a década de 1960, época da integração espacial e econômica da região Amazônica ao país. (CARDOSO *et al*, 2016, p.12)

A inauguração da Rodovia Belém-Brasília, em 1959, proporcionou a abertura das frentes norte e sul do país: toda a matéria prima e os produtos industrializados que não eram acessíveis à região Norte passaram a chegar por meio da estrada, enfraquecendo, assim, a produção local e alterando a dinâmica do comércio.

Até 1960, o rio era o principal meio de transporte para as mercadorias que movimentavam o intenso comércio sobre ele: transportava-se diversos produtos regionais e matérias-primas extraídas na Região Norte, utilizadas para a produção local. Dessa forma, o Igarapé Piri e o Igarapé das Almas modelaram diferentes níveis topográficos existentes na cidade, pois serviam de ancoradouro para pequenas embarcações (PENTEADO, 1968).

Mapa 12 - Identificação da Avenida Visconde de Sousa Franco e parte do comércio do local.



Fonte: Google Maps

2.3 AS PESSOAS NO RIO

No contexto do desenvolvimento econômico de Belém do final do século XIX, Antônio Lemos, intendente da capital, foi responsável por programar uma série de modificações que delimitaram o espaço urbano e os direitos e deveres do cidadão (SARGES, 1998). As intervenções de Lemos são vistas no centro urbano de Belém, que, hoje, compreende os bairros do Reduto, do Comércio e da Campina. Tais intervenções foram proporcionadas pelo crescimento econômico dado à produção e à comercialização no período que ficou conhecido como “ciclo da borracha”. Trindade (1997, p.40) sustenta que “o intento da modernização que ganha expressão em sua administração provoca a elitização do espaço urbano”. Isso mudou a forma de apropriação e uso do solo no bairro do Reduto, no início do século XX, quando o Igarapé do Reduto deixou de existir para que o seu aterramento desse lugar à construção do porto hidroviário da cidade.

Com a queda da borracha, houve uma certa “canalização” de investimentos para a atividade industrial, e a região do Reduto tornou-se gradativamente

periférica, o que transformou a paisagem com a instalação de cortiços perto de ruínas e construções abandonadas, como os prédios residenciais unifamiliares remanescentes do século XX. Muitas dessas construções foram habitadas por comerciantes locais, que residiam na parte superior dos sobrados e transformavam o térreo em área comercial.

Além dessas habitações, também existiam as “vacarias”, com abastecimento de leite, identificadas por meio dos relatos de moradores daquele período, em levantamento realizado por Trindade (1997). As vacarias ficavam em terrenos à margem do Igarapé das Almas; muitas eram ocupadas por moradores que não eram proprietários do local, apenas do rebanho. A maior parte do terreno era da Municipalidade, que cobrava taxas e impostos pela ocupação do espaço.

Pode-se observar que isso viabilizou, posteriormente, o remanejamento da população que não tinha posses e habitava as vacarias: Trindade (1997) afirma que alegaram problemas de higiene como motivo para a retirada dessas vacarias. Também havia ali uma das principais favelas de Belém, chamada de “aglomerado da Marechal Hermes”, “Vila Sarará” ou “Moradores de Bacia”; localizava-se na área baixa adjacente ao Igarapé das Almas e era o espaço onde viviam cerca de 266 famílias, remanejadas para um conjunto residencial da Cohab, no bairro da Marambaia, local não efetivamente habitado e que, na época, era periferia de Belém.

Fotografia 13 - Favela da Marechal Hermes sobre o Igarapé das Almas.



Fonte: Trindade (1997)

No levantamento realizado por Trindade (1997) junto aos moradores, aponta-se que a favela começou a ser levantada por volta da década de 1940. O que contribuiu para sua origem e seu rápido crescimento até a década de 1950 foi a localização, embora periférica comparada ao núcleo central da cidade. O desenvolvimento da favela se deu graças à proximidade da área portuária, onde trabalhavam muitos dos habitantes do local, e ao fato de o terreno pertencer à União.

Em 1968, extinguiu-se, então, a favela, com a alegação de que as condições de saneamento provocavam diversos males para a higiene e a saúde da população. O decreto de 1966 de Castelo Branco¹¹ favorecia a expropriação das famílias, declarando ser de utilidade pública os fins de desapropriação.

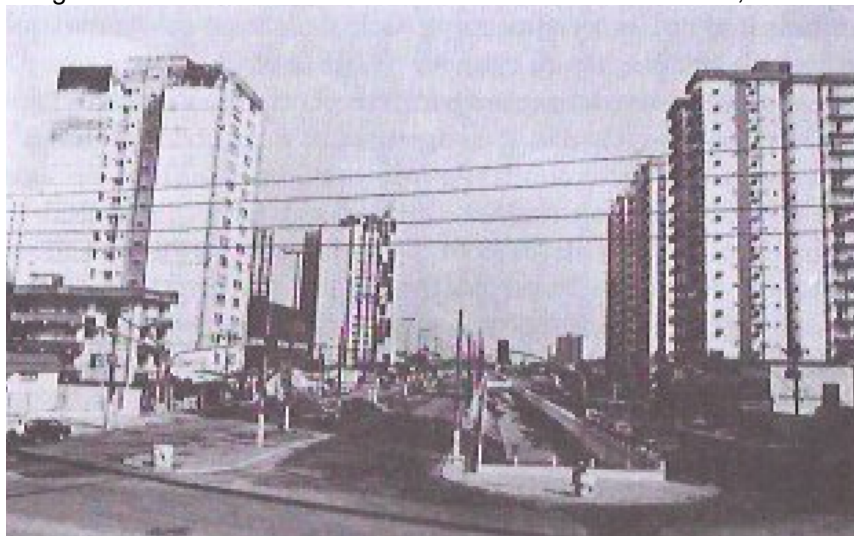
Concluída a obra do Igarapé das Almas, algumas formas espaciais permaneceram e outras novas passaram a existir no entorno, devido à valorização do solo proveniente das obras de macrodrenagem promovida pelo poder público.

O poder público, como principal agente de distribuição espacial dos serviços, equipamentos e infraestrutura urbana desempenha papel importante não só na definição do preço do solo como também na determinação das demandas pelo uso de cada área específica. (TRINDADE, 1996, p. 134)

Com o remanejamento da população da favela, as obras de saneamento e macrodrenagem do local foram concluídas. A infraestrutura resultante desse processo levou à valorização dessas áreas, atraindo, assim, o mercado imobiliário, que passou a fomentar a verticalização do espaço por meio de prédios, que apenas a classe média alta poderia adquirir, gerando, dessa forma, uma segregação socioespacial. Trindade (1996) concluiu que novas e modernas formas espaciais foram acrescentadas à paisagem, redefinindo o papel do espaço na divisão social da cidade.

¹¹ Decreto Nº 57.682, de 28 de janeiro de 1966, que declara de utilidade pública, para fins de desapropriação, em favor da União Federal, as ações societárias da Companhia Eletromecânica "CELMA".

Fotografia 14 - Prédios da Avenida Visconde de Sousa Franco, 1980.



Fonte: Trindade (1997)

Dessa maneira, as mudanças que trouxeram novas formas espaciais, inseridas em um solo mais valorizado, acarretaram também a “troca” socioeconômica dos moradores dessa região, pois os habitantes anteriores desse espaço eram, em grande parte, descendentes de escravos, que tentavam sobreviver nos terrenos da União.

2.4 A TÉCNICA NO RIO

A técnica de engenharia desenvolvida para a formação de canais estruturais em concreto na cidade de Belém se consolidou por meio de uma de suas primeiras execuções: O Igarapé das Almas. Dessa forma, tornou-se um método de constante aplicação nos projetos de macrodrenagem da cidade, como os dos bairros do Jurunas, do Marco e da Pedreira¹², onde se encontra infraestruturas semelhantes. Comumente, canaliza-se o rio com a formação de uma estrutura de concreto, com drenagem e escoamento das águas, mas se desconsidera a natureza do rio e a identificação com ele por parte da população.

A técnica deve ser vista sob um triplice aspecto: como reveladora da produção histórica da realidade, como inspiradora de um método unitário (afastando dualismos e ambiguidades) e finalmente, como garantia da

¹² Bairros da cidade de Belém que possuem canais em concreto e foram urbanizados posteriormente aos do Reduto.

conquista do futuro, desde que não nos deixemos ofuscar pelas técnicas particulares, e sejamos guiados em nosso método, pelo fenômeno técnico visto filosoficamente, isto é, como um todo. (SANTOS, 2006, p. 23)

Na aplicação da técnica de canalização de rios, a configuração urbana das avenidas composta por canais em seu centro se consolidou, e o Igarapé das Almas foi enclausurado sob essa infraestrutura.

Com a introdução da técnica, torna-se possível identificar que fato semelhante também ocorre “quando as forças da natureza se tornam sujeitas ao controle humano à medida que o sistema de transporte e de comunicação, divisões territoriais do trabalho e infraestruturas urbanas são criadas para servir de fundamento para a acumulação do capital” (HARVEY, 2015, p. 40).

Figura 15 - Avenida Visconde de Sousa Franco alagada.



Fonte: Acervo da autora

Figura 16 - Alagamentos



Fonte: Acervo da autora

Nas figuras 15 e 16, observa-se o canal da Avenida Visconde de Sousa Franco, antigo Igarapé das Almas, transbordando em um dia de maré alta e muita chuva na região, dificultando o tráfego de veículos e a circulação das pessoas. Esse trecho corresponde à parte mais estreita do canal, com 10 metros de largura, entre as ruas João Balbi e 28 de Setembro, onde foi represado em uma vala sem comunicação com a baía do Guajará, o que faz com que não sofra diretamente a influência da maré.

Diferentemente dos trechos indicados nas fotos, o intervalo entre as ruas 28 de Setembro e Marechal Hermes, onde o canal foi feito com uma largura de 20 metros e com ligação hidráulica ao canal do Reduto, é controlado por um sistema

de comportas. Este é o que transborda com mais frequência, devido ao fechamento das comportas em período de maré alta para que não se permita a passagem das águas da baía do Guajará. No entanto, as águas ficam represadas e, com o aumento das chuvas, ele transborda.

Por meio de alguns registros fotográficos, verificou-se a transformação desse espaço: os arquivos do extinto DNOS foram distribuídos entre a Sesan e a Companhia de Saneamento do Pará – Cosanpa e, assim, foi possível ter acesso aos documentos de obras e plantas da Avenida Visconde de Sousa Franco.

Fotografia 17 - Obras do Igarapé das Almas.



Fonte: Sesan

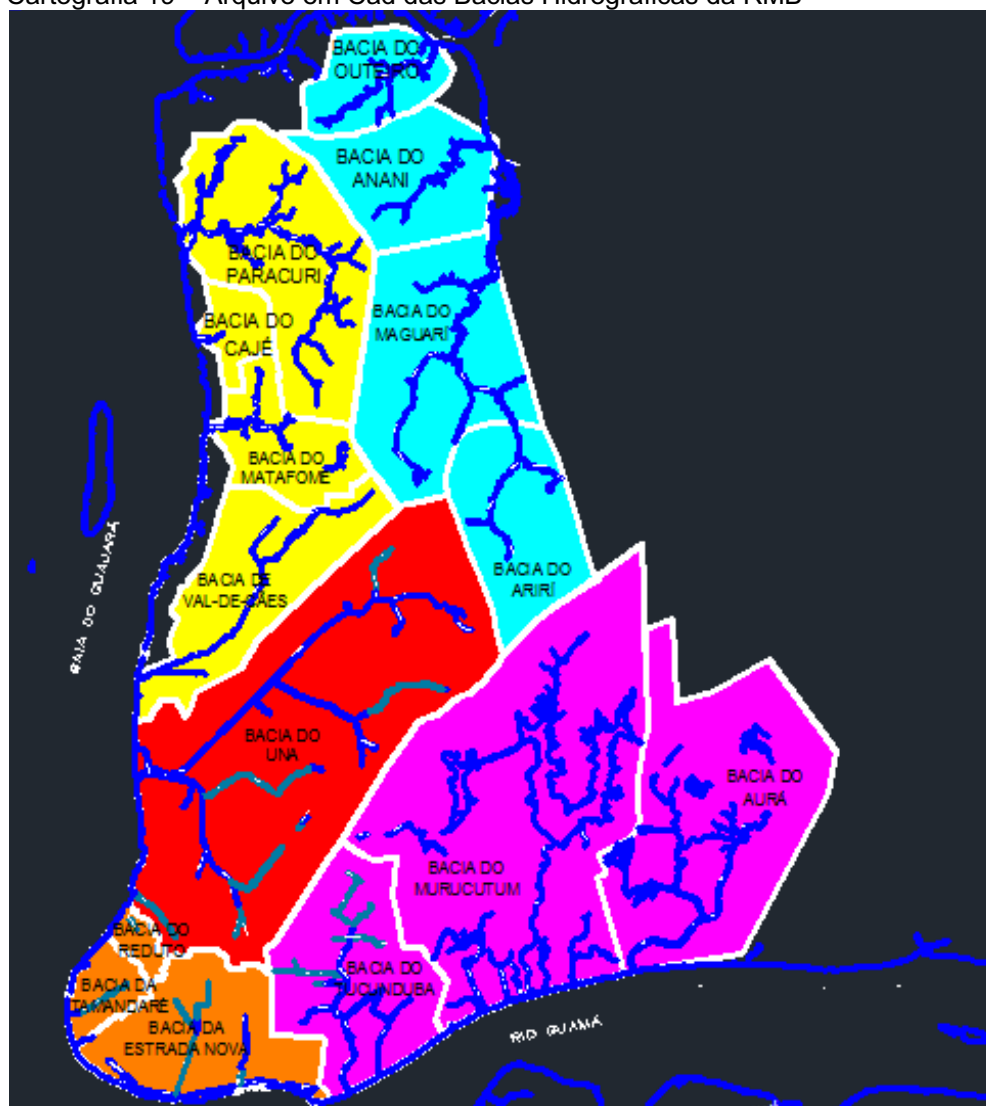
Fotografia 18 – Obra na rua 28 de Setembro



Fonte: Sesan

Dessa maneira, tem-se, hoje, uma avenida marcada por problemas ambientais, em que as forças reativas da natureza foram subestimadas: observe-se os casos de alagamentos, que geram transtornos e dificuldades de circulação quando o índice pluviométrico aumenta na cidade e isso coincide com a influência da maré alta.

Cartografia 19 – Arquivo em Cad das Bacias Hidrográficas da RMB



Fonte: Sesan

A figura 19 mostra as 14 bacias hidrográficas da região metropolitana de Belém. Mesmo a bacia do Reduto sendo a menor em extensão e capilaridade de rios, consegue-se identificar os impactos da urbanização nesse meio:

A urbanização de uma bacia tende a agravar as cheias, na medida em que promove a remoção da cobertura vegetal original, o aumento da impermeabilização, a canalização e a ocupação de planícies ribeirinhas. [...] Em alguns casos, o processo de urbanização resulta em taxas muito altas de impermeabilização e de densidade demográfica, com a ocupação generalizada de bacia, inclusive de áreas naturalmente sujeitas a enchentes. Nestes casos, o quadro de alagamentos é crítico, a falta de áreas livres não edificadas é marcante, nem sempre as moradias apresentam condições mínimas de habitação, a infraestrutura urbana se sobrecarrega, perdas econômicas se envolvam e o custo das intervenções corretivas crescem. (CARNEIRO; MIGUEZ, 2011, p. 17)

Percebe-se que a região metropolitana de Belém é completamente inserida em regiões lacustres, o que fez com que, no processo de urbanização, não fosse possível consolidar a cidade afastada de rios, córregos e igarapés. Belém ficou entrecortada pelas águas e, devido a isso, ocorrem os muitos problemas de alagamentos gerados pelos impactos ambientais causados pela alteração da topografia, a mudança do curso dos rios e a impermeabilização do solo.

A partir dos levantamentos bibliográficos realizados para a construção deste capítulo, foi possível identificar as mudanças no rio pela formação da cidade e de seu contexto por meio da interação das pessoas, além dos usos do espaço atribuídos por elas. Entre esses usos, identificou-se o fabril; o comercial, que envolveu a formação portuária e, posteriormente, as vacarias; o de transporte; e a apropriação do espaço a partir das diferentes residências, seja informalmente ou por meio do mercado imobiliário. Todos esses fatores foram determinantes para a formação da atual Avenida Visconde de Sousa Franco.

Cartografia 20 - Formação atual da Avenida Visconde de Sousa Franco.



Fonte: Criação da autora

Apresenta-se, portanto, parte da cartografia atual, mostrando o intervalo mais largo do canal, que começa na Rua Marechal Hermes e vai até a Avenida Senador Lemos, no bairro do Umarizal. Mostra-se, também, a Rua 28 de Setembro, no bairro do Reduto, que é o local onde o canal foi construído primeiro, a fim de comportar o volume de água proveniente do antigo Igarapé do Reduto, hoje, canal da avenida General Magalhães, conforme ilustrado na Cartografia 20.

As informações, até a década de 1980, esclarecem parte da formação da Avenida Visconde de Sousa Franco. No entanto, para se chegar à cartografia atual, fez-se necessário o levantamento de campo dos elementos existentes no espaço, a partir do processo de cartografia, conforme proposto e apresentado na metodologia desta pesquisa e descrito no capítulo 3, que trata especificamente do assunto.

CARTOGRAFANDO

3 CARTOGRAFANDO

Conforme Rolnik (1989), o sentido de “cartografar” provém da compreensão de que há desejos em cada um, o que provoca transformações no meio, marcadas pela crise da subjetividade existente na cultura contemporânea. A autora afirma que o cartógrafo surge como um “antropófago”, que vive de expropriar, de se apropriar, devorar e desovar e, assim, a cartografia ganha discursividade, por meio da observação que acompanha a transformação da paisagem, diferentemente do mapa rígido e estático.

Buscou-se representar, durante o processo cartográfico, o contexto da Avenida Visconde de Sousa Franco, fundamentado nas ações táticas dos indivíduos, nas ações estratégicas por meio de empreendimentos e instituições e nas memórias e nos rastros identificados através dos levantamentos realizados.

Realizou-se levantamentos bibliográfico e documental; registros fotográficos do espaço, para identificação dos principais elementos que o compõem e dos usos atribuídos a eles, bem como de seus signos; e entrevistas, sob diferentes perspectivas, com agentes públicos, habitantes e frequentadores do local. Os dados obtidos culminaram na elaboração de uma cartografia final, apresentada no capítulo 4 deste trabalho, construída com base no conceito de “contracartografia”, aquela que se opõe à lógica de mapas tradicionais institucionalizados por uma estratégia política e econômica.

De acordo com Mesquita (2013), que estudou diversos mapas e os analisou como contracartografias, pôde-se concluir que, em uma era de disputa por narrativas, os mapas podem ir além do tema da representação e do objetivo de criar uma única imagem finalizada.

Devolver aos movimentos e aos coletivos uma reflexão sobre suas respectivas práticas é um ato imprescindível para a construção de histórias muitas vezes marginalizadas ou não incluídas nos arquivos oficiais e em genealogias tradicionais, desafiando os relatos canônicos da arte e da política com experiências pessoais e saberes compartilhados. (MESQUITA, 2013, p. 167)

Construir uma cartografia com base nas ações táticas dos sujeitos, identificadas por meio de usos atribuídos aos espaços, direcionou a uma análise do movimento, das práticas e dos hábitos dos frequentadores da Avenida Visconde de

Sousa Franco, enquanto as ações estratégicas direcionaram a uma percepção crítica da realidade.

Observando a complexidade do local pesquisado, da perspectiva das pessoas, sabe-se que há uma variável contextual extensa. Por isso, fez-se necessário considerar uma representação da realidade do espaço a ser estudado e das escolhas dos elementos e entrevistas selecionados. Pois, conforme Ferrara (1993), as variáveis contextuais dão origem à percepção ambiental urbana.

As variáveis contextuais urbanas dão origem à percepção ambiental urbana, processadas como informação responsável de um modo de viver. Ora, essa percepção é passível de ser decodificada imediatamente, mas ela se faz representar, é substituída por aquela imagem urbana que é, então, seu signo. (FERRARA, 1993, p. 72)

Buscou-se uma descrição e a representação da realidade da avenida por meio das entrevistas direcionadas a alguns indivíduos, que apresentaram diferentes perspectivas do espaço; dos registros fotográficos, nos quais foram apontados os elementos de mais visibilidade para identificação dos signos; das memórias voltadas ao igarapé; e dos usos atuais do entorno do canal, sob a aplicação de questionários a algumas pessoas que ali circulavam.

Dessa forma, construiu-se uma cartografia de representação da realidade conforme Vassão (2010, p. 25), que diz “que uma descrição da realidade, sua ‘representação’, é uma redução daquela realidade, como que pudéssemos reduzir um objeto à imagem dele – ou então, ‘reduzir’ a realidade à sua representação”.

Após a contextualização do espaço, apresentada no capítulo 2 desta dissertação, feita por meio de levantamentos bibliográfico e documental para compreender o processo de urbanização do espaço em detrimento das transformações do igarapé, seguiu-se com a pesquisa para a fase das entrevistas com o chefe da Assessoria Técnica da Sesan, com o governador do Pará no então período em que se iniciou o projeto das obras de saneamento e com um morador de Belém que conheceu o Igarapé das Almas antes de ser canalizado.

Realizou-se registros fotográficos dos pontos de mais visibilidade das quadras da Avenida Visconde de Sousa Franco com o intuito de registrar os principais elementos que a compõem e estabelecer uma cartografia visual do local. Por fim, aplicou-se questionários aos frequentadores da avenida, contendo a fotografia do

Igarapé das Almas antes da década de 1960 e questionamentos sobre a circulação atual no entorno do canal, com o propósito de verificar se há resquícios de memória a respeito do igarapé, bem como identificar os usos atuais no espaço, a fim de tecer um comparativo do ambiente que se tem hoje com aquele de antes da canalização.

Este capítulo consiste, portanto, na descrição e apresentação dos levantamentos realizados, conforme a proposta da metodologia de pesquisa. Os dados desse levantamento serão analisados, com seus respectivos resultados, no capítulo 4 deste trabalho.

3.1 ENTREVISTAS

Realizou-se três entrevistas que puderam fornecer perspectivas distintas do Igarapé das Almas, seu processo de canalização e percepções do ambiente, o que foi fundamental à análise segundo Ferrara (1993). A primeira entrevista foi com Aurélio do Carmo, governador do estado do Pará na época das obras de canalização; a segunda, com o atual chefe da Assessoria Técnica da Sesan, Antônio Carlos Ferreira, responsável pelos projetos de saneamento da cidade; e, por fim, com Edilton Wanzeler Figueiredo, morador de Belém que chegou à cidade pouco antes da realização das obras, desembarcado na Baía do Guajará, de onde o Igarapé das Almas fazia parte, realizando diversas atividades no local. Os entrevistados conhecem, portanto, de forma distinta, o processo de canalização do Igarapé das Almas e, por isso, propiciam a esta pesquisa três perspectivas do contexto estudado.

As entrevistas não expressam a visão de um grupo característico ou de um setor, pois são influenciadas pelas peculiaridades inerentes a cada um dos entrevistados; nem era a pretensão, no momento deste estudo, assim que não trazem opiniões sobre suas percepções do local hoje. No entanto, tais entrevistas apresentam informações sob pontos de vista distintos a partir de suas atuações, em cada momento, esclarecendo questões que auxiliam na compreensão das obras de canalização, do contexto, das particularidades locais e do uso do canal, por meio da perspectiva técnica, administrativa e cotidiana.

Os questionários aplicados aos entrevistados se encontram nos apêndices. Deles, foi possível extrair os dados a partir das respostas e dos comentários feitos

durante as entrevistas. Tais dados são analisados no capítulo 4 desta investigação, de acordo com cada pergunta, sob a interpretação dos seus signos, a fim de colaborar com a compreensão do processo de urbanização do espaço estudado.

3.1.1 Entrevista com o engenheiro da Assessoria Técnica da Sesan

Com Antônio Carlos Ferreira, nascido em 9 de junho de 1958, engenheiro e chefe da Assessoria Técnica da Sesan, foi possível obter alguns dados históricos mais precisos sobre o Igarapé das Almas, por meio de entrevista realizada em 5 de outubro de 2018. O Igarapé foi transformado em canal na gestão do prefeito Nélio Lobato, que, juntamente às obras das avenidas Augusto Montenegro e João Paulo II, estruturou a Visconde de Sousa Franco, contando com o serviço prestado pela empresa especializada em construção civil Estacon Engenharia.

Diante da situação precária de higiene e limpeza do canal, indagou-se o motivo pelo qual era nele lançado esgoto diretamente. Ferreira esclareceu que a concessão de esgoto no Pará é da Cosanpa e que a coleta de esgoto só ocorre no bairro da Cidade Velha. De acordo com os dados do Instituto Trata Brasil, referência em informações sobre saneamento no país, só há coleta de 12% de esgoto na região metropolitana de Belém e apenas 4% dele é tratado.

Ferreira também nos esclareceu que a Sesan tem um plano de saneamento que trata de resíduos sólidos, drenagem urbana, abastecimento de captação de água e esgoto e que, por meio dele, espera-se reverter a situação atual de lançamento de esgoto sem tratamento nas águas pluviais. O plano já possui termo de referência e foi encaminhado para licitação.

Existem também projetos de revitalização dos canais de Belém. Entre eles, está o projeto intitulado “Cidade Para Todos”, em que está incluso o canal da Avenida Visconde de Sousa Franco. Há, ainda, outra sugestão de projeto para erradicar os alagamentos, que consiste em fazer um canal subterrâneo, embaixo das vias marginais, para comportar o volume de água e evitar transbordamentos. Esse projeto se apresenta mais viável, pois não será necessária a desapropriação de moradores.

A limpeza atual do canal é realizada diariamente por meio de raspagem, para retirar limo, garrafas e lixo que são lançados no local. A limpeza das comportas,

que estão entre o Igarapé e a Baía do Guajará e fazem a contenção do volume de água, é realizada de forma manual, na baixa-mar. O ideal seria que a cada três anos ocorresse a dragagem no local, devido à estrutura dos vasos comunicantes com o canal da Rua Marechal Hermes e aos sistemas de comportas. Contudo, por falta de equipamentos adequados na prefeitura para a realização do serviço, a dragagem não pode ser feita com a devida frequência.

Ainda, esclareceu-se que a causa dos transbordamentos do canal se dá pela falta de limpeza, que não é realizada de forma satisfatória, uma vez que há a interferência de pontes, em que as vigas são muito baixas e impedem a drenagem adequada.

3.1.2 Entrevista com Aurélio do Carmo

Aurélio do Carmo, nascido em 31 de janeiro de 1922, foi governador do estado do Pará por um período de quatro anos, sendo eleito em 1960 e tendo o mandato cassado pela revolução de 1964. A entrevista realizada com ele, em 6 de outubro de 2018, foi necessária para compreender o ponto de vista do político que esteve no poder no início do processo de canalização do Igarapé das Almas. A entrevista foi gravada, e nela foi solicitado que ele relatasse como era a cidade com o Igarapé das Almas e o motivo pelo qual se optou pela canalização do espaço.

Segundo Aurélio, a cidade de Belém vivia um momento de requinte, influenciado pela Belle Époque na Amazônia. Era uma cidade cheia de trilhos, sobre os quais os bondes funcionavam como transporte principal, integrando o centro da cidade aos bairros mais predominantemente residenciais e relativamente afastados; já os transportes comerciais eram feitos por meio dos rios. O bairro do Reduto, onde se encontra hoje a Avenida Visconde de Sousa Franco, foi primeiramente um lugar de trocas comerciais e, depois da decadência do período da borracha, ainda recebia mercadorias como frutos, peixes e cestos artesanais. Logo após esse período, tornou-se um bairro essencialmente fabril. As atividades eram realizadas por meio da navegação em canoas e barcos no Igarapé das Almas.

A canalização, segundo Aurélio, foi realizada na administração do prefeito Nélio Lobato. Solicitou-se ao DNOS que se elaborasse um projeto de

macrodrenagem para que fosse possível abrir vias rodoviárias, pois, naquele momento, os trilhos com os bondes foram substituídos por um novo meio de transporte: o rodoviário.

3.1.3 Entrevista com um morador da cidade, Edilton Wanzeler Figueiredo.

Para compreender o cenário anterior à canalização do Igarapé das Almas, sob a perspectiva da vivência cotidiana de um morador da cidade de Belém, entrevistou-se, em 2 de maio de 2019, Edilton Wanzeler Figueiredo, nascido em 1937, morador do bairro de Fátima, que fica ao lado do bairro do Umarizal, local em que se encontra parte da Avenida Visconde de Sousa Franco.

Figueiredo navegava pelo igarapé, retém memórias do espaço e mora atualmente em um bairro que recebeu parte da população saída das margens desse igarapé quando as obras de canalização foram iniciadas. Para que fosse possível fazer referência a um lugar que ele “vivenciou”, no roteiro da entrevista, foram apresentadas duas fotografias: uma do Igarapé das Almas; outra, do porto às margens do Igarapé do Reduto.

Nascido no município de Cametá, também no estado do Pará, Figueiredo iniciou sua narrativa por sua chegada à capital, quando só havia acesso entre Cametá e Belém por meio de rios. Sua vinda se deu por meio da embarcação que fazia a rota entre as duas cidades, que atracava no porto da Cidade Velha ou no do Reduto.

Figueiredo nos descreveu que, às margens do Igarapé das Almas, ficavam muitas casas de palafita, cujos fundos eram voltados para a água. Na década de 1960, iniciou-se o remanejamento da população que ali habitava, sendo algumas das famílias deslocadas para o bairro da Matinha, atual bairro de Fátima, onde Figueiredo reside. No período, só havia “gapó”¹³, e nenhuma infraestrutura de saneamento básico. Esta só foi implantada na obra de macrodrenagem da sub-bacia do Una, em 1995, durante o governo de Almir Gabriel.

Figueiredo recorda o ano em que se iniciaram as obras da “Doca”, como é conhecida a Avenida Visconde de Sousa Franco pelos moradores de Belém. Ele

¹³ Conhecido assim popularmente, é uma espécie de manguezal mais “limpo” e com maior volume de água.

afirma que havia, em maioria, casas residenciais, e o comércio existente às margens do igarapé, feito por meio de canoas que transportavam cestos, frutos, artesanatos e utensílios diversos, já estava enfraquecido naquele momento.

3.2 REGISTROS FOTOGRÁFICOS

A fotografia retrata uma história ao revelar aspectos de lugares que se procura compreender. Por isso, buscou-se registrar os elementos que compõem o espaço estudado, para que a imagem sirva de documento a informar a materialidade existente na atualidade.

Com o intuito de identificar os elementos da Avenida Visconde de Sousa Franco, para se compreender os usos atribuídos a eles, realizou-se registros fotográficos de pontos que abrangessem as quadras de maneira ampla, obtendo melhor visualização dos elementos existentes e de pontos do centro do canal, a fim de verificar a circulação das pessoas no seu entorno.

Fotografia 21 - Av. Visconde de Sousa Franco, às 12h.



Fonte: Acervo da autora

Fotografia 22 - Vista da Avenida



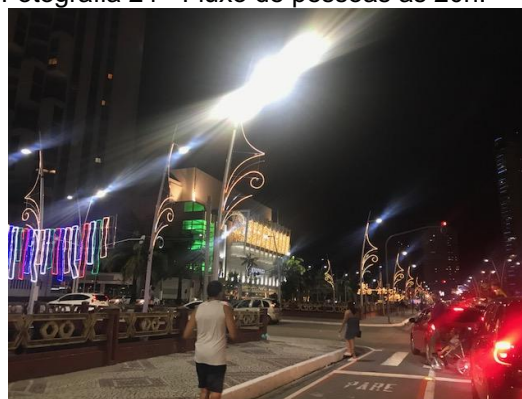
Fonte: Acervo da autora

Fotografia 23 - Frequentadores na Avenida.



Fonte: Acervo da autora

Fotografia 24 - Fluxo de pessoas às 20h.



Fonte: Acervo da autora

Os horários compreendidos entre 17h e 20h foram os escolhidos para a realização dos registros fotográficos, pois revelam índices variados do espaço, que demonstra um panorama de usos por meio das diversas práticas realizadas nesse período.

Para verificar a dinâmica do espaço e estabelecer o período dos registros fotográficos e da aplicação dos questionários, por meio de observações realizadas no local, considerou-se o fluxo de entrada de pessoas em suas residências e o fluxo de saída de outras dos seus locais de trabalho (comércios, empreendimentos e instituições públicas). A concentração de pessoas nos pontos de ônibus era maior, concomitantemente à circulação delas no entorno do canal para atividades como caminhadas, corridas, ciclismo e passeios com animais de estimação. Também, observou-se que era grande o fluxo de pessoas que se direcionavam às compras, aos supermercados, às lanchonetes e aos restaurantes existentes ali, após o trabalho.

Com esse recurso do registro fotográfico, juntamente com a observação da dinâmica da Avenida Visconde de Sousa Franco, procurou-se identificar o comportamento das pessoas por meio da variedade de usos do local.

Fotografia 25 - Cruzamento da Rua Boaventura Da Silva.



Fonte: Acervo da autora

Fotografia 26 - Cruzamento da Rua Domingos Marreiros.



Fonte: Acervo da autora

Fotografia 27 – Av. Visconde de Sousa Franco e Antônio Barreto.



Fonte: Acervo da autora

Fotografia 28 – Av. Visconde de Sousa Franco e Rua Tiradentes.



Fonte: Acervo da autora

Fotografia 29 - Av. Visconde de Sousa Franco com a Rua Tiradentes.



Fonte: Acervo da autora

Fotografia 30 - Av. Visconde de Sousa esquina Franco, esquina com a Rua Boaventura.



Fonte: Acervo da autora

Fotografia 31 - Av. Visconde de Sousa Bernal do Couto.



Fonte: Acervo da autora

Fotografia 32 - Av.Visconde de Sousa Franco e Rua Franco Jerônimo Pimentel.



Fonte: Acervo da autora

Fotografia 33 – Av. Visconde de Sousa Franco Lemos Senador.



Fonte: Acervo da autora

Fotografia 34- Av.Visconde de Sousa Franco e Rua e Rua Municipalidade.



Fonte: Acervo da autora

Fotografia 35 – Av.Visconde de Sousa Franco e Rua Marechal Hermes.



Fonte: Acervo da autora

Fotografia 36 - Av. Visconde de Sousa Franco e Rua Pedro Álvares Cabral.



Fonte: Acervo da autora

Fotografia 37 – Av. Visconde de Sousa Franco e Porto Hidroviário.



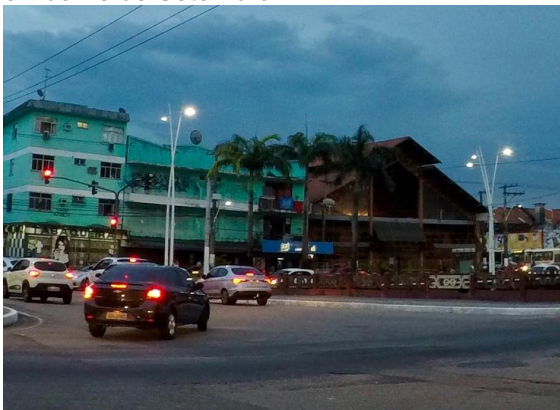
Fonte: Acervo da autora

Fotografia 38 – Av. Visconde de Sousa com a Rua Pedro Álvares Cabral.



Fonte: Acervo da autora

Fotografia 39 – Av. Visconde de Sousa Franco e Rua 28 de Setembro.



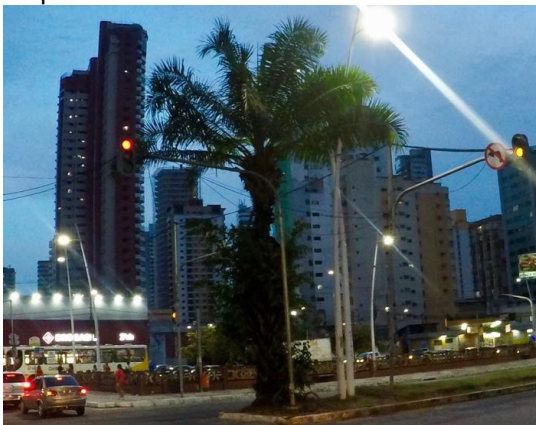
Fonte: Acervo da autora

Fotografia 40 - Av. Visconde de Sousa Franco e Rua Senador Manoel Barata.



Fonte: Acervo da autora

Fotografia 41 – Av. Visconde de Sousa Franco esquina com a Rua Aristides Lobo



Fonte: Acervo da autora

Fotografia 42 – Av. Visconde de Sousa Franco e edifício Atlanta



Fonte: Acervo da autora

A seguir, apresenta-se os pontos em que foram retiradas as fotos do local:

Cartografia 43 - Cartografia de identificação do local e do sentido dos registros fotográfico.



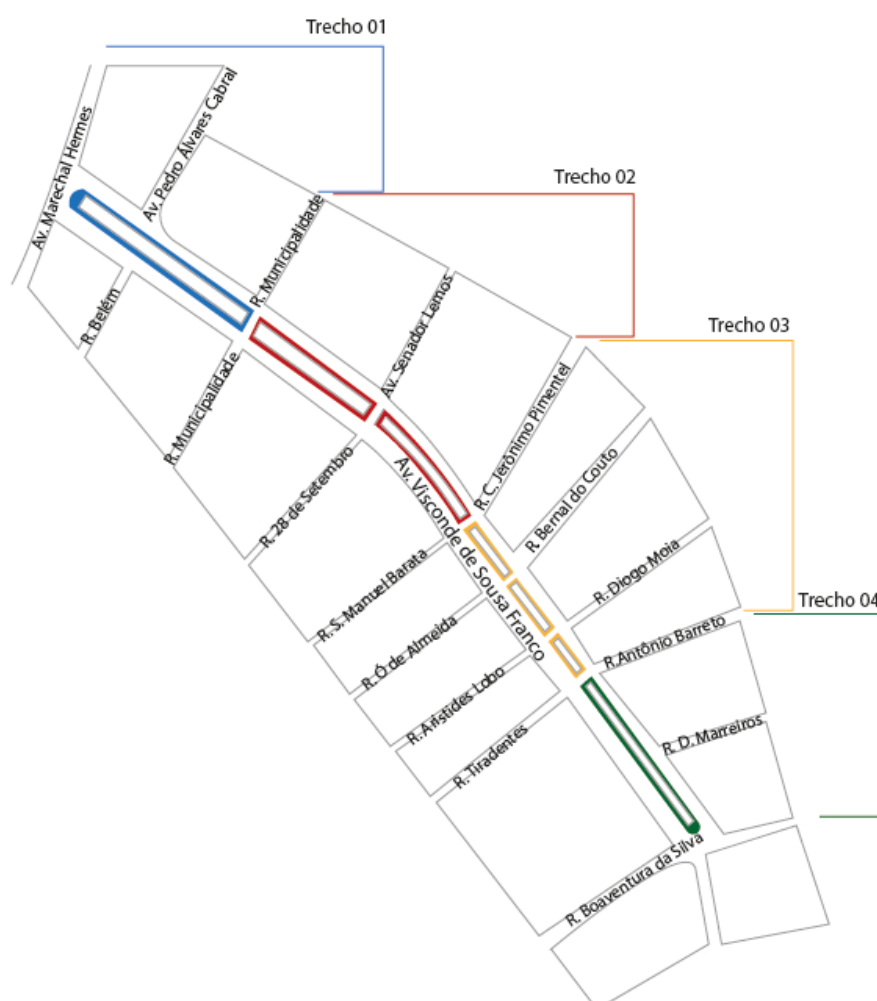
- △ Sentido da Foto
- Fotos tirada no lado esquerdo
- Fotos tiradas no lado direito
- Fotos tirada do centro da Avenida

Fonte: Criação da autora

3.3 APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIOS AOS FREQUENTADORES DA AVENIDA

Os questionários elaborados para verificação de dados junto aos frequentadores da Avenida Visconde de Sousa Franco foram aplicados nos horários de final de tarde, em dias úteis. Procurou-se identificar, por meio de uma fotografia colorizada da FAU – UFPA, registrada em 1935 por Robert Swanton Platt, se havia reconhecimento do antigo igarapé por esses indivíduos que circulavam no entorno do canal. O intuito era o de verificar se as pessoas possuíam conhecimento de que ali já houve um igarapé navegável e com formas distintas das atuais. Também, foi abordado o motivo de elas estarem circulando no local, sua idade e se eram moradores do bairro.

Cartografia 44 - Distribuição dos questionários por trecho.

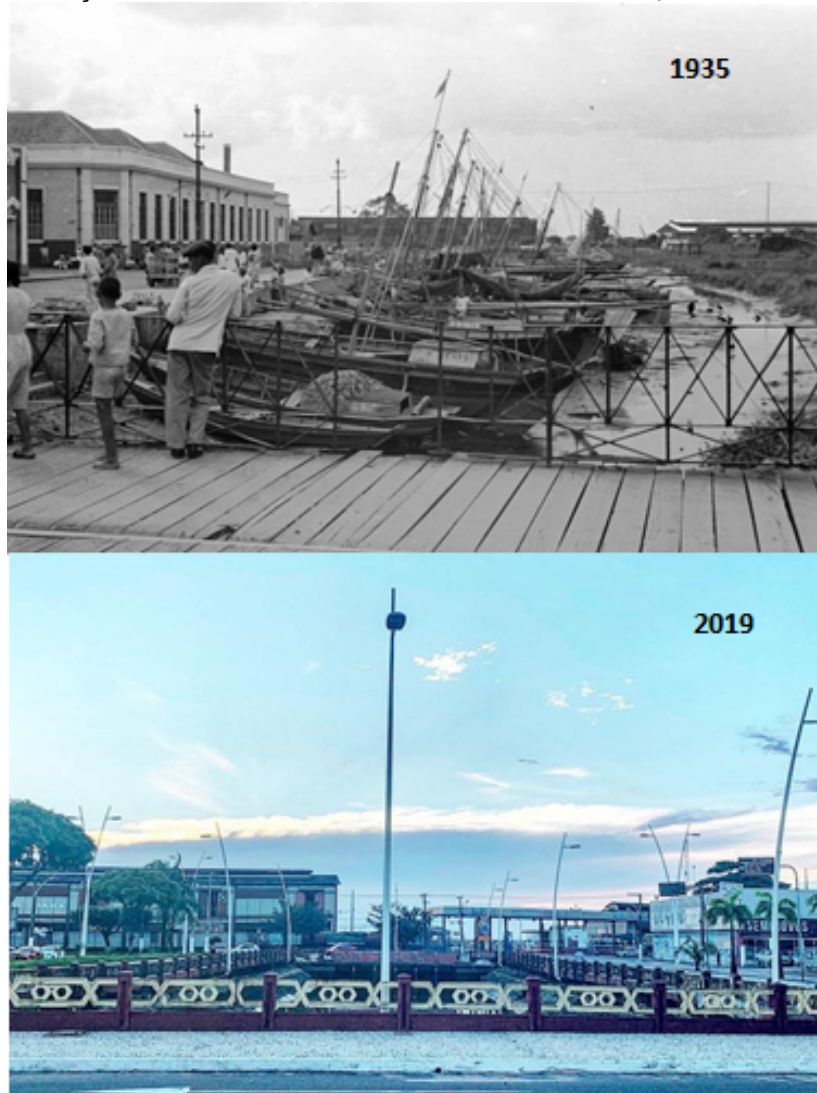


Fonte: Criação da autora

Nesse levantamento, foram aplicados dez questionários, distribuídos em quadras separadas em trechos, conforme apontado no esquema da figura 44. Esse recurso foi utilizado para facilitar a distribuição e aplicação dos questionários naquele espaço, conforme a observação do fluxo e a frequência das pessoas no momento da pesquisa.

Nos trechos 1 e 2, foram aplicados apenas dois questionários, devido ao fluxo menor de passantes naquela área do entorno do canal. Já nos trechos 3 e 4, foram aplicados três questionários, por neles se apresentar um maior fluxo de pessoas.

Ilustração 45 - Doca da Av. Visconde de Sousa Franco, 1935 e 2019.



Fonte: FAU – UFPA/Registro da autora.

A proposta não objetivava abranger todos os perfis de sujeitos que transitam pela avenida, pois eles são diversos. Contudo, pretende apresentar uma amostra daqueles indivíduos que circulam o entorno do canal como um registro atual de seus usos, em comparação com aqueles atribuídos ao espaço quando ainda era um igarapé. Ainda, procurou-se identificar se há resquício de memória da antiga forma do local.

CARTOGRAFIA

4 CARTOGRAFIA

Os dados obtidos são analisados neste capítulo, conforme a triangulação dos dados proposta na metodologia. Observa-se a conjuntura que incide nas etapas de análise dos usos, dos signos e da memória em articulação com os teóricos que fundamentam a pesquisa.

Analisa-se a memória que se tem do passado por meio dos rastros revelados nas entrevistas e na aplicação de questionários. Segundo Benjamin (1987), o passado só se deixa fixar como imagem que relampeja irreversivelmente no momento em que ele é reconhecido. Contextualiza-se o espaço a partir de levantamentos bibliográfico e documental, em articulação com as entrevistas.

Conforme Ferrara (2009), o uso é o signo de si mesmo, pois determinado local só encontra seu espaço contextual no momento em que é flagrado um conjunto de usos que lhe atribui significado, e o significado nos revela os usos praticados nesse espaço. Dessa forma, a classificação feita a partir da morfologia do uso dirige-se da percepção do contexto como lugar para a apreensão do espaço, no qual o ambiente aberto, pela sua caracterização de usos no contexto, leva a uma percepção do ambiente enquanto espaço.

Por meio dos questionários aplicados e de fotografias, verifica-se os usos praticados atualmente no entorno do canal. A análise dos usos compreende as ações táticas e estratégicas a partir das práticas ocorridas nos locais identificados e a análise dos signos, a partir da verificação das características da Avenida Visconde de Sousa Franco.

Trata-se dos significados existentes nos elementos da avenida por meio de materiais, artefatos, letreiros, cores e nomes dos locais que comunicam. Conforme Cardoso (2012), os sujeitos formulam juízos altamente complexos de modo instantâneo, decodificando-os a partir da visualização, da natureza física, do conceito, da serventia, do valor dos artefatos e de suas relações.

Lynch (1960) trata da decodificação do espaço pela imagem ambiente, analisada por sua identidade, estrutura e significado. A identidade consiste no reconhecimento de sua particularidade; a estrutura, na sua relação espacial; o significado está ligado a essas duas e pode ser prático ou emocional, porém, é diferente para cada indivíduo.

Fotografia 46 - Avenida Visconde de Sousa Franco, 2019.



Fonte: Registro de Anna Carolina Pontes

Devido às variáveis dos significados, para identificá-los, faz-se necessário selecionar os elementos que possuem mais visualização e se encontram acessíveis a qualquer pessoa, gerando uma imagem coletiva do espaço. Para isso, analisa-se os diversos significados por meio da comunicação visual das fachadas de prédios, edifícios, lojas e instituições que estão dispostos na avenida.

4.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

As entrevistas realizadas com Antônio Carlos Ferreira, atual chefe da Assessoria Técnica da Sesan, e com Aurélio do Carmo, então governador do Pará no período da concepção do projeto das obras de canalização do Igarapé das Almas, apontaram que, entre intervenções e remanejamento da população, foram

dez anos de obras, visto que a elaboração do projeto de canalização, conforme a data constante na planta do DNOS e o qual se encontra arquivado na Sesan, se iniciou em 1963. As obras foram concluídas durante a gestão do prefeito Nélio Lobato, que geriu a cidade no período de 1970 a 1973, inaugurando, portanto, a Avenida Visconde de Sousa Franco.

Ainda, nesse período entre as décadas de 1960 e 1970, houve grande investimento em rodovias no Brasil, processo iniciado sob incentivo e influência do governo de Juscelino Kubitschek, presidente do país no período de 1956 a 1961, que construiu a capital federal, Brasília, e, à época, promoveu também a instalação de grandes fabricantes de automóveis em território nacional. A forma de atrair os investidores consistia em apoiar a construção de rodovias. Nesse mesmo movimento, abriu-se a Rodovia Belém-Brasília, enfraqueceu o comércio local com a facilidade da chegada de novos produtos por meio dela, conforme afirma Penteado (1968).

Antes das rodovias chegarem à cidade de Belém, o sistema de bondes fazia a integração entre os bairros residenciais, segundo apontado na entrevista com Aurélio do Carmo. A cidade era cheia de trilhos e requinte proporcionado pela tentativa do Intendente Antônio Lemos, no início do século XX, de fazê-la parecer com Paris: Belém ficou conhecida como a “Francesinha do Norte”, no período da *Belle Époque*¹⁴.

Os paralelepípedos que haviam na cidade desde a sua fundação, em 12 de janeiro de 1616, e os trilhos dos bondes, existentes desde 1869 e implantados pelo cônsul dos Estados Unidos para o Pará, James B. Bond, encontram-se atualmente embaixo das camadas de asfalto nos bairros mais antigos, como o da Cidade Velha. Quem chega hoje a Belém encontra outra paisagem, e só tomará conhecimento desse cenário por meio das narrativas dos cidadãos locais, de alguns registros fotográficos em *blogs* e *sites* e de bibliografias disposta em algumas bibliotecas do estado.

Conforme indicado na entrevista com Antônio Carlos Ferreira, o odor proveniente do canal da Avenida Visconde de Sousa Franco se dá devido ao lançamento de esgoto na rede de drenagem, o que é permitido pela Sesan, desde que condicionado a um tratamento prévio. No entanto, não existe fiscalização.

¹⁴ Movimento nos campos da arte e da arquitetura baseado no Impressionismo e na Art Nouveau da Europa.

A rede de drenagem é cedida devido à região metropolitana de Belém contar com apenas 12% de coleta de esgoto e 4% de tratamento deste. Tal questão não diz respeito à Sesan, apesar de ser a secretaria de saneamento da capital paraense, pois sua responsabilidade abrange apenas o lixo e a drenagem da cidade; esse encargo cabe à Cosanpa, administrada pelo governo do Estado, que tem sob sua responsabilidade o abastecimento de água e o tratamento de esgoto.

No canal, ocorre também o lançamento de esgoto e dejetos da produção de sabonetes e cosméticos da atual fábrica da marca Granado (antiga Phebo), que funciona desde 1930 e fica localizada no bairro do Reduto, atrás do prédio do Serviço Social do Comércio – SESC. Isso provoca, além do acúmulo de resíduos proveniente dos restos da fabricação de sabonetes, um aumento no volume de fluidos na área do canal, o qual não foi dimensionado para este fim, já que em seu projeto ele tem como função apenas comportar as águas de maré e de chuva.

Devido à falta de fiscalização por parte dos órgãos responsáveis pelo tratamento do esgoto, não há como evitar o lançamento de dejetos *in natura* nos canais da cidade. O odor do ambiente e a sujeira nas águas praticamente autorizam a população a associar o espaço a um local propício para o lançamento de lixo.

Segundo relato de Ferreira, a limpeza do canal não ocorre de forma apropriada por causa da falta de equipamentos adequados na prefeitura para a realização do serviço. Na Sesan, está em andamento um plano de saneamento da cidade. Espera-se que, com a execução do projeto, em parceria com a Cosanpa, os problemas de lançamento e tratamento de esgoto sejam solucionados.

Outro projeto existente é o “Cidade Para Todos”, que se propõe à construção de um canal subterrâneo para comportar as águas que transbordam. Sua realização não exigiria a desapropriação de moradores, como ocorreu no governo de Castelo Branco de 1964 a 1967. Como apontado anteriormente, Trindade (1997) esclareceu o Decreto de 1966, que tratava dos fins de desapropriação e foi revogado em 1991, o que fez com que se tornasse uma preocupação, por parte das instituições públicas, propor atualmente projetos que necessitem do remanejamento de moradores.

Antes da década de 1960, quando se iniciou a realização do projeto de canalização no Igarapé das Almas, a população que habitava às margens deste

vivia em casas de palafitas, das quais os fundos ficavam voltados para o Igarapé, lançando os dejetos nas águas pluviais, segundo o morador entrevistado Edilton Figueiredo. Nesse período, conforme indica Trindade (1997), o comércio no entorno do local já estava enfraquecido, pois já existia integração da região a outros estados por meio da Rodovia Belém-Brasília.

Ao começarem as obras de saneamento, as quais deram origem ao canal da Avenida Visconde de Sousa Franco, as palafitas foram desapropriadas e alguns residentes migraram para o antigo bairro da Matinha, atual bairro de Fátima. Figueiredo, residente do bairro, afirma que, naquele período, não havia saneamento básico. A infraestrutura desenvolvida não tinha como objetivo atender a população local, pois esta foi remanejada sob alegação de que a favela causava problemas de higiene e saúde devido às condições de saneamento. Com as obras concluídas, não se ofereceram as devidas condições para que os antigos moradores retornassem.

O estudo realizado por Trindade (1997) mostra que os moradores das favelas que ficavam no entorno do Igarapé das Almas foram remanejados para um conjunto residencial da Cohab, no bairro da Marambaia. Com a valorização da área, o mercado imobiliário chegou aos novos bairros do Reduto e do Umarizal: as residências construídas na região ficaram restritas à classe média alta, que detinha o poder aquisitivo para adquiri-las e mantê-las.

A análise das entrevistas permitiu compreender a condução das obras do Igarapé das Almas, as mudanças estruturais e os impactos sociais provocados no bairro, bem como a forma de manutenção do espaço e as perspectivas futuras quanto às ações estratégicas.

4.2 LEVANTAMENTO DOS ELEMENTOS DA AVENIDA

Os elementos que compõem a Avenida Visconde de Sousa Franco foram registrados em fotografias. As imagens foram analisadas e categorizadas sob os critérios de interpretação do espaço urbano estabelecido por Lynch (1960), que define cinco elementos que compõem a cidade: limites, bairros, pontos nodais, marcos e caminhos.

Os limites são elementos lineares entre duas regiões distintas, que provoca uma quebra na continuidade do espaço; os bairros são identificados por grandes áreas da cidade que formam uma identidade comum; os pontos nodais são os espaços de convergência, comumente representados por cruzamentos, esquinas e praças; os marcos são objetos de singularidade, como torres, esculturas e domos; por fim, os caminhos são os locais onde acontecem os deslocamentos, a exemplo de ruas, avenidas e calçadas.

Verifica-se que a Avenida Visconde de Sousa Franco representa um limite, visto que divide outros dois elementos, os bairros do Reduto e do Umarizal. O canal existente no centro da avenida reforça esse limite; no entanto, ele funciona como um caminho, apesar de não ser navegável, devido à circulação de pessoas no entorno, uma vez que possui calçadas que orientam o usuário para o trajeto a ser realizado. Os pontos nodais são os cruzamentos existentes, e há uma peculiaridade nesse caso: eles cruzam com a área do canal, criando rupturas no elemento de limite.

Cartografia 47 – Identificação dos Elementos da Avenida Visconde de Sousa Franco



- Limite
- Caminho
- Bairro do Reduto
- Bairro do Umarizal
- Pontos nodais
- Marco

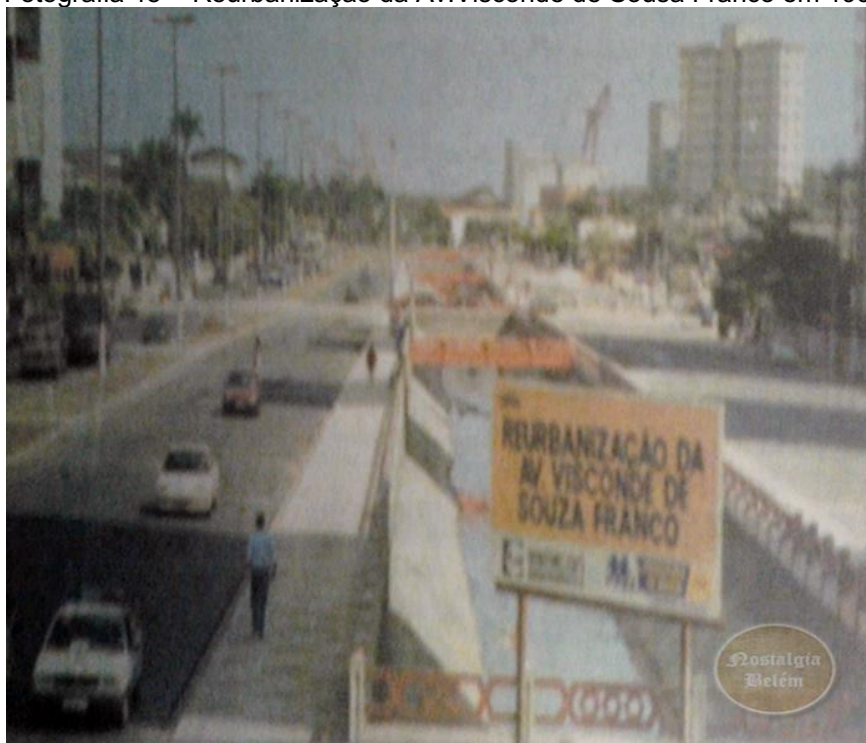
Fonte: Criação da Autora

Elemento singular, o canal é o marco referenciado no imaginário da população que chama a Avenida Visconde de Sousa Franco de “Doca”, nome comumente praticado pelos habitantes da cidade, que relegam ao esquecimento o nome oficial da avenida. O canal não é navegável, não possibilita o trânsito sobre

ele como permitia quando ainda era o Igarapé das Almas; contudo, sua presença ganha escala de fluxo em razão das largas calçadas e pistas automotivas às suas margens.

O canal é composto por um guarda-corpo, no qual as formas e cores observadas atualmente foram introduzidas mediante o projeto de reurbanização da Avenida Visconde de Sousa Franco, em 1995, proposto pelo então prefeito Hélio Gueiros, político que apresentava um nítido afeto pela avenida e, por isso, se autointitulava “tarado por doca”. Isto fez com que o espaço ganhasse o nome popular de “Doca”.

Fotografia 48 - Reurbanização da Av.Visconde de Sousa Franco em 1995.



Fonte: Página do Facebook do perfil Nostalgia Belém

As formas geométricas do guarda-corpo são uma representação dos grafismos encontrados nas cerâmicas marajoaras, características da cultura regional. Entretanto, a população que frequenta o local normalmente não faz essa associação.

Integram o guarda-corpo alguns bancos de concreto, dispostos ao longo do canal, o que assinala a tentativa de fazer do local um ponto de convivência e lazer. Todavia, sua condição atual de depredação, sujeira e odor proveniente dos dejetos

lançados nas águas torna o local insalubre, não oferecendo, dessa forma, conforto ao usuário.

Verificou-se no talude¹⁵ e em parte do guarda-corpo do canal a presença de limo, sujeira e mato: o local é úmido e os sedimentos se acumulam no fundo. Há rachaduras no concreto e, nitidamente, apresenta carência de manutenção.

Fotografia 49 - Canal da Avenida



Fonte: Registro da autora

Fotografia 50 - Guarda-corpo do canal.



Fonte: Registro da autora

Os pontos nodais da Avenida Visconde de Sousa Franco são os cruzamentos das vias: algumas delas vão do bairro do Reduto ao do Umarizal, e outras terminam na própria avenida. Grande parte desses pontos estão compostos por lojas de grandes fachadas, como é o caso do cruzamento com a Rua Diogo Moia, no qual se encontra uma farmácia que, antes, era de uma franquía regional e, atualmente, passou a ser de uma nacional, o que alterou a cor e o estilo da frente do edifício.

¹⁵ É a inclinação superficial do aterro do canal. No caso da Avenida Visconde de Sousa Franco, é feita em concreto.

Fotografia 51 - Vista de um ponto nodal.



Fonte: Registro da autora

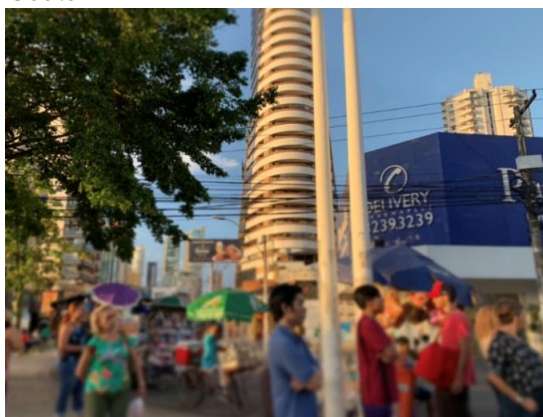
No ponto nodal formado pelo cruzamento da Avenida Visconde de Sousa Franco com a Rua Bernal do Couto, encontra-se uma pequena praça, com uma parada de ônibus e uma diversidade de carrinhos de pipoca e lanche, o que a torna bastante movimentada. Há também uma outra praça, no cruzamento da Rua Antônio Barreto com a Avenida Visconde de Sousa Franco, com área maior, formada por canteiros estreitos e pequenos caminhos, com bancos no centro, onde se pode observar, geralmente, algumas pessoas sentadas. Essa praça, contudo, praticamente se restringe à função de passagem entre o restaurante de um lado para a farmácia do outro lado.

Fotografia 52 - Esquina da Rua Antônio Barreto com a Avenida Visconde de Sousa Franco.



Fonte: Registro da autora

Fotografia 53 - Pracinha da Rua Bernal do Couto.

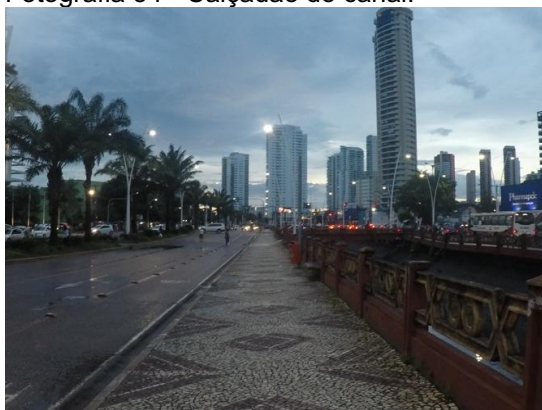


Fonte: Registro da autora

Ainda, calçadas revestidas por pedras portuguesas com desenhos de formas geométricas ladeiam o canal. A obra conta com o meio-fio, que recebe as águas pluviais, enquanto as pessoas se deslocam pelas calçadas lineares e planas. Percebe-se que muitos habitantes preferem o uso das calçadas que margeiam o canal, evitando as calçadas do outro lado da avenida, as quais margeiam o comércio e os prédios, pois são ocupadas por diversos elementos como bancas de revista, pontos de táxi, carrinhos de lanches, vendedores ambulantes e um fluxo intenso de entrada e saída de veículos dos diversos locais, dificultando, dessa forma, a circulação dos pedestres.

No final do dia, é comum a prática de atividades físicas em toda a extensão da Avenida Visconde de Sousa Franco. O fluxo de pessoas transitando no local é intenso, devido à incidência solar ser menor e às pessoas já terem terminado seus expedientes de trabalho.

Fotografia 54 - Calçadão do canal.



Fonte: Registro da autora

Fotografia 55 - Caminho no entorno do canal.



Fonte: Registro da autora

Como mencionado anteriormente, a Avenida Visconde de Sousa Franco divide outros dois elementos da cidade: os bairros do Reduto e do Umarizal. O primeiro desses bairros que sofreu o processo de urbanização foi do Reduto, do qual grande parte da área e dos igarapés foram aterrados. Na Rua General Magalhães, houve um aterro, transformado em praça, reaberto depois para, então, fazer a ligação com o canal do Igarapé das Almas para os fins de comportar o volume de água, no processo de canalização. Já o bairro do Umarizal, mais recente, se desenvolveu após o aterramento do Igarapé das Almas, com grande

influência do mercado imobiliário. Hoje, é um bairro nobre, apresentando o metro quadrado mais caro da cidade.

Há uma certa coerência nos dois bairros citados quanto ao estilo das construções dos seus respectivos períodos de formação e desenvolvimento: o lado da avenida que corresponde ao bairro do Reduto é formado por prédios com formas retas, janelões de vidro, ausência de sacadas e acabamento em alvenaria e pintura; no lado voltado para o bairro do Umarizal, avistam-se acabamentos comuns em edifícios de alto padrão — cerâmica, vidraçaria espelhada e formas curvas.

Fotografia 56 - Vista da Avenida Visconde de Sousa Franco com o Reduto à esquerda e o Umarizal à direita.



Fonte: Registro da autora

A Avenida Visconde de Sousa Franco, objeto desta pesquisa, representa um limite com uma via de largura de aproximadamente 60 metros e extensão de 1.500 metros. É asfaltada, sinalizada, com ciclovias e canteiros gramados e arborizados com palmeiras, além de possuir calçadas retificadas. As pinturas do asfalto se encontram desgastadas; em algumas esquinas, quase já não se visualizam mais. Nos cruzamentos, observa-se faixas de pedestres na mesma condição de desgaste e semáforos para carros e pedestres.

A integração entre um lado e outro da avenida é possível pelas pistas que a cruzam; onde a quadra é maior, isso acontece por meio de pontes sobre o canal. Observa-se uma dessas pontes na frente do *shopping* Boulevard; no entanto, ali não há faixa de pedestre, o que faz com que as pessoas criem seu próprio trajeto,

passando de um lado para o outro por cima de um canteiro e, portanto, fora da segurança de uma faixa de pedestre.

Fotografia 57 - Vista da Avenida Visconde de Sousa Franco.



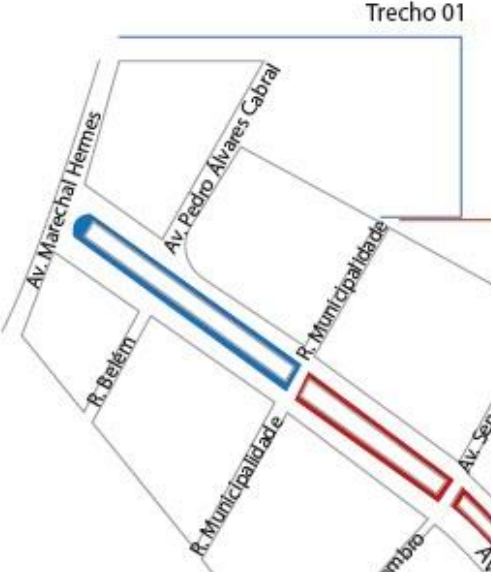
Fonte: Registro da autora

4.2.1 Análise dos usos e dos signos

Para se compreender a Avenida Visconde de Sousa Franco, fez-se necessário realizar registros fotográficos, a fim de auxiliar na análise dos elementos que a compõem e verificar os usos da infraestrutura local. Definiu-se três atividades para análise dos usos: lazer, comércio e habitação. Tais atividades são as mais recorrentes no espaço, o que se verifica tanto no levantamento bibliográfico, que apresenta a contextualização histórica, quanto na observação direta realizada no local.

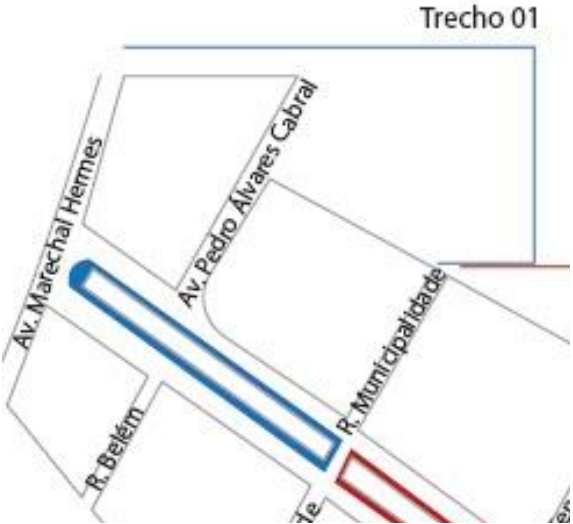
Observou-se as infraestruturas mais representativas daquele espaço e a frequência das pessoas no local. Iniciou-se a verificação desses elementos por meio de trechos.

Quadro 1 – Trecho 1, Rua Municipalidade, Rua Belém, até a Rua Marechal Hermes

Trecho 1: Lado da Rua Municipalidade, Rua Belém, até a Rua Marechal Hermes	
 <p>Trecho 01</p> <p>Av. Marechal Hermes</p> <p>Av. Pedro Álvares Cabral</p> <p>R. Belém</p> <p>R. Municipalidade</p> <p>R. Municipalidade</p> <p>Av. S...</p> <p>mbro</p>	<p>Identificação: Fotografias 37 e 38.</p> <p>Elementos: Porto de Belém, trailers de lanches, Faculdade Metropolitana da Amazônia — Famaz e Secretaria da Fazenda — Sefa.</p> <p>Principais usos: Transporte, lazer e alimentação, estudo e trabalho.</p> <p>Atividade: Comércio.</p>

Fonte: Criação da autora

Quadro 2 – Trecho 1, Lado da Rua Municipalidade até a Rua Marechal Hermes

Trecho 1: Lado da Rua Municipalidade, até a Rua Marechal Hermes	
 <p>Trecho 01</p> <p>Av. Marechal Hermes</p> <p>Av. Pedro Álvares Cabral</p> <p>R. Belém</p> <p>R. Municipalidade</p> <p>R. Municipalidade</p> <p>te</p> <p>te</p>	<p>Identificação: Fotografias 35 e 36.</p> <p>Elementos: Concessionária Mônaco, Edifício Sunset Boulevard e Hospital Porto Dias Diagnósticos – Doca Imagem.</p> <p>Principais usos: Consumo, moradia, atendimento médico e trabalho.</p> <p>Atividade: Habitação e comércio.</p>

Fonte: Criação da autora

Quadro 3 – Trecho 2, Lado da Rua Senador Manoel Barata até a Rua Municipalidade.

Trecho 2: Lado da Rua Senador Manoel Barata até a Rua Municipalidade.	
	<p>Identificação: Fotografias 39 e 40.</p> <p>Elementos: Unimed, Espaço Cultural Cabano Maestro Altino Pimenta, Tabaqueira, farmácia e restaurantes, Fundação Nacional de Saúde - FUNASA e – Serviço Social de Comércio – SESC.</p> <p>Principais usos: Atendimento médico, esporte, lazer, consumo e trabalho.</p> <p>Atividade: Comércio e lazer.</p>

Fonte: Criação da autora

Quadro 4 – Trecho 2, Lado da Rua Cônego Jerônimo Pimentel até a Rua Municipalidade.

Trecho 2: Lado da Rua Cônego Jerônimo Pimentel até a Rua Municipalidade.	
	<p>Identificação: Fotografias 33 e 34.</p> <p>Elementos: Banco do Brasil, academia, lojas, posto de gasolina, lanchonetes e Edifícios Village Sun e Village Moon.</p> <p>Principais usos: Consumo, trabalho, esporte, alimentação, estudo e moradia.</p> <p>Atividade: Comércio, habitação e lazer.</p>

Fonte: Criação da autora

Quadro 5– Trecho 3, Lado da Rua Aristides Lobo até a Rua Manoel Barata.

Trecho 3: Lado da Rua Aristides Lobo até a Rua Manoel Barata.	
	<p>Identificação: Fotografias 28, 40 e 42.</p> <p>Elementos: Secretaria da Saúde – URE, <i>shopping</i> Boulevard e edifício Atalanta.</p> <p>Principais usos: Atendimento médico, trabalho, consumo e moradia.</p> <p>Atividade: Comércio e lazer.</p>

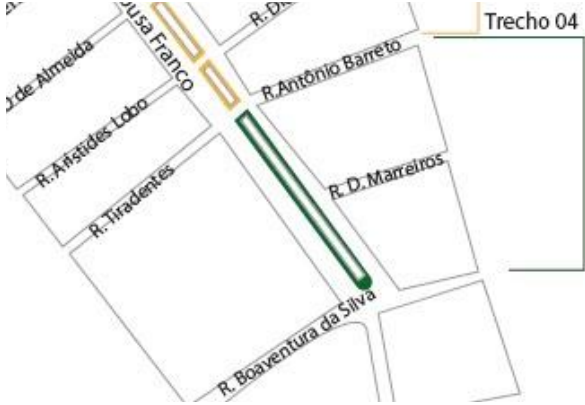
Fonte: Criação da autora

Quadro 6– Trecho 3, Lado da Rua Antônio Barreto até a Rua Cônego Jerônimo Pimentel.

Trecho 3: Lado da Rua Antônio Barreto até a Rua Cônego Jerônimo Pimentel.	
	<p>Identificação: Fotografias 31, 32, 41.</p> <p>Elementos: Lojas, farmácias, doceria Doçura's, restaurantes, pracinhas e posto de gasolina.</p> <p>Principais usos: Alimentação, serviços, trabalho, consumo e passeio.</p> <p>Atividade: Comércio e lazer.</p>


Fonte: Criação da autora

Quadro 7– Trecho 4, Lado da Rua Boaventura da Silva e Rua Tiradentes.

Trecho 4: Lado da Rua Boaventura da Silva e Rua Tiradentes.	
	<p>Identificação: Fotografias 25 e 26.</p> <p>Elementos: Loja Sol Informática, supermercado Líder, restaurantes, casas, prédios residenciais e lojas.</p> <p>Principais usos: Consumo, alimentação, trabalho e moradia.</p> <p>Atividade: Comércio e habitação.</p>

Fonte: Criação da autora

Quadro 8 – Trecho 4, Lado da Rua Boaventura até a Rua Antônio Barreto.

Trecho 4: Lado da Rua Boaventura até a Rua Antônio Barreto.	
	<p>Identificação: Fotografias 29 e 30.</p> <p>Elementos: Prédios residenciais e farmácia.</p> <p>Principais usos: Moradia, consumo e trabalho.</p> <p>Atividade: Habitação e comércio.</p>

Fonte: Criação da autora



No trecho 1, há o Porto de Belém, inaugurado em 1909, que sofreu algumas intervenções para ampliação e adaptação de seus serviços. Atualmente, funciona como principal entreposto de ligação entre Belém e outros municípios do Pará por meio do transporte fluvial, servindo de porta de entrada para a região metropolitana da cidade àquelas pessoas que se deslocam através do tráfego aquaviário. Isso demanda um determinado fluxo de pessoas, que entra e sai diariamente desse local.

Fotografia 59 - Companhia Docas do Pará - Porto de Belém.



Fonte: Registro da autora

A fachada do porto, que se encontra voltada para a Avenida Visconde de Sousa Franco, é composta pela entrada para veículos leves, do lado esquerdo, e a entrada para veículos pesados, do lado direito, identificados por placas de cor verde acima dos portões de entrada, cuja altura dificulta a leitura. Uma placa comunica que “seguir em frente” é proibido; no entanto, não há referência de outra entrada para quem está se direcionando ao porto e nem placa que informe a natureza do local. Identifica-se como signo desse espaço o tráfego de veículos e, também, a proibição do uso do espaço, o que causa um ruído na comunicação com o usuário.

No mesmo trecho, no lado que compreende as ruas Municipalidade, Belém e Marechal Hermes, há os *trailers* de lanche que abrigam os seguintes estabelecimentos: Batistão, Bigas, Kibe House e Casa da Sogra. Todos servem hambúrgueres, salgados e bebidas não alcóolicas e os preços praticados são

populares. Localizados ao lado de uma faculdade, o local é bastante frequentado por jovens e adolescentes. Os *trailers* funcionam, em dias de semana, a partir das 17h e fecham por volta das 3h da manhã; nos finais de semana, vão das 17h às 5h, recebendo, diariamente, um fluxo intenso de pessoas.

Fotografia 60 - Trailers de lanche.



Fonte: Registro da autora

Os *trailers* desse local possuem uma área de lanche na frente, com cobertura, e fachadas com identificação em cores quentes, predominando o vermelho no fundo das marcas em tipografias bastonadas, com fotografias e desenhos de lanches que nos remetem às famosas redes de *fast food*. Esse local tem como signos a rapidez e a praticidade dos usos: a reprodução da imagem de um automóvel procura transmitir essa ideia. Sua versatilidade é expressa pelos diversos usos em seu interior.

Ao lado desse comércio de lanches, encontra-se a Faculdade Metropolitana da Amazônia – Famaz, de capital privado, com todas as atividades pedagógicas e administrativas funcionando na Avenida Visconde de Sousa Franco desde 2009. A instituição dispõe dos seguintes cursos: Administração, Arquitetura e Urbanismo, Biomedicina, Ciências Contábeis, Direito, Educação Física, Enfermagem, Engenharia Civil, Engenharia de Produção, Gestão Ambiental, Gestão Hospitalar, Medicina, Psicologia e Serviço Social. Pôde-se identificar que seu público-alvo é de pessoas de classe média alta, uma vez que o custo para manutenção do curso é

elevado, sobretudo se considerar o curso de Medicina, com valor pecuniário inacessível às pessoas de pouco poder aquisitivo.

Figura 61: - Fachada da Famaz.



Fonte: Registro da autora

A fachada da Famaz contempla elementos de vidro, bases redondas, curvas suaves e pintura branca, com o nome da instituição em toda a extensão da testeira e o logotipo ao lado, na cor azul, o que remete à ideia de um ambiente calmo, apropriado à concentração no estudo e apontando aspectos tecnológicos, visto que o padrão de cor azul em ambientes universitários são utilizados para este fim. Ainda, conta com uma réplica em fibra da escultura “O pensador”, do artista francês Auguste Rodin, que apresenta como signos o pensamento crítico e a discussão quanto à soberba e à construção do conhecimento. Observa-se que esses artefatos e formas se destacam, em contraste com a imagem dos elementos ao seu redor, cheio de cores e objetos nas fachadas.

O trecho conta ainda com a localização da Secretaria da Fazenda – Sefa, com fluxo diário de servidores públicos em horário comercial e atendimento à população que procura a instituição para tratar de assuntos relativos à natureza da secretaria. O conjunto provoca um movimento intenso de pedestres e de automóveis, que disputam vagas no entorno do local, carente de estacionamentos suficientes. No final do dia, a grande movimentação de pessoas provoca congestionamentos no quarteirão, causando transtornos para motoristas e pedestres.

O prédio da Sefa apresenta vidros espelhados nas janelas, com o nome em letreiros na fachada de cerâmica clara, com tipografia geométrica; observa-se que, mesmo sendo estruturada com formas básicas geométricas, o nome se perde na imensa parede em que foi colocado, dificultando, dessa forma, a identificação do local. O que chama a atenção é uma mureta baixa, que serve de apoio para grades, pois estas são pintadas com motivos de vitória-régia (plantas aquáticas e próprias da região amazônica).

Fotografia 62 - Fachada da Sefa.



Fonte: Registro da autora

Observou-se como signos dispostos na fachada da Sefa o regionalismo e os recursos naturais, por meio dos quais se acredita representar uma tentativa de expressar que a secretaria atua na região para a gestão dos recursos e o desenvolvimento do Estado se utilizando do recurso da arrecadação tributária.

No trecho 1 correspondente às ruas Municipalidade, Marechal Hermes e Pedro Álvares Cabral, há uma concessionária de veículos da marca Fiat, cujo fluxo em horário comercial representa o serviço de compra e venda dos produtos comercializados nessa loja.

Fotografia 63 - Fachada da concessionária Fiat.



Fonte: Registro da autora

Observa-se que se trata de um prédio composto por uma fachada clara com destaque dos elementos nas partes de cor vermelha: o logotipo da Fiat e, abaixo dele, o nome da concessionária, em tipografia transicional sem serifa, ficando em destaque junto à marca.

Verifica-se que o elemento traz como signos as rodovias, a indústria automobilística, o sistema de transporte particular e as infraestruturas da cidade voltadas para receber o produto final oferecido nesse espaço, como vias, semáforos e faixas de trânsito. Esse local traz significados de elementos que transformaram o meio urbano, como é o caso da Avenida Visconde de Sousa Franco, que teve o igarapé aterrado para dar lugar a rodovias que receberiam os produtos provenientes de concessionárias como essas. O nome “Mônaco” também é uma referência ao capital estrangeiro inserido na cidade.

Há também um edifício composto por apartamentos residenciais, que se destaca pelo tamanho e pelas sacadas amplas, com vidraçarias espelhadas na frente e aparência e acabamentos de alto padrão. Ao lado, há uma torre com salas comerciais, no mesmo padrão. Esse modelo de moradia está crescendo atualmente no mercado imobiliário, pois se mostra conveniente construir edifícios de alto padrão junto a torres comerciais, frente à demanda do público de alto poder aquisitivo. Oferece-se a comodidade da compra de uma residência próximo a um imóvel, assim como a oferta de serviços correspondentes. Estima-se que o valor seja de 6,4 mil por metro quadrado.

Na calçada do edifício, observa-se palmeiras que compõem com a fachada, que possui um letreiro com a inscrição “Sunset Boulevard”. Essa inscrição traz a ideia de “o sol se pôr em uma grande avenida”, fazendo referência ao espaço em que foi construído e à vista que ele proporciona no final da tarde, voltada para a baía do Guajará, “onde o sol se põe” na cidade de Belém. Observa-se que a fachada do edifício reflete os raios do sol no fim do dia devido aos vidros espelhados. Esse nome também se refere a um famoso musical inspirado no filme de drama e romance *Sunset Boulevard*, da década de 1950. Portanto, observa-se que o edifício alude à arquitetura contemporânea devido aos seus acabamentos, em contraste com os signos presentes nos elementos e a história da década de 1950.

Fotografia 64 - Edifício comercial.



Fonte: Registro da autora

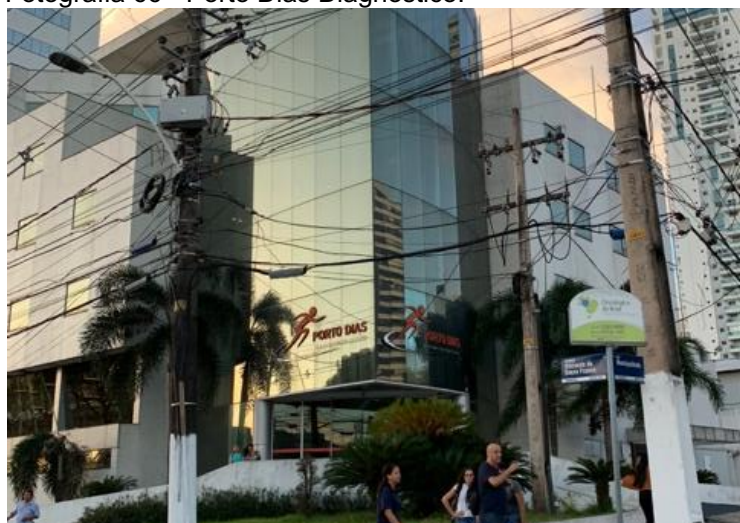
Fotografia 65 - Edifício Sunset Boulevard.



Fonte: Registro da autora

Mais adiante, no sentido da Rua Municipalidade, está o hospital Porto Dias. Na unidade, funcionam clínicas e laboratórios de diagnóstico por imagem, com funcionamento, em horário comercial, das 7h às 19h. Trata-se de um hospital de capital privado, com atendimento particular e serviços para planos de saúde, que atende pessoas de classe média alta. No entorno do local, há uma frequência alta nos horários comerciais.

Fotografia 66 - Porto Dias Diagnóstico.



Fonte: Registro da autora

A fachada de cerâmica branca e o acabamento espelhado chama atenção por estar em um ponto nodal de fácil visualização. O logotipo e a tipografia que compõem a marca do hospital estão sobrepostos no acabamento espelhado. O logotipo do hospital remete a uma pessoa em posição de corrida, ação que demonstra saúde e boa condição física, sugerindo a saúde que o usuário deseja alcançar quando procura o local.

No trecho 2 que compreende o lado da Rua Municipalidade até a Rua Manoel Barata, há outro hospital, com urgência e emergência, o da Unimed. Também é de capital privado e funciona em parceria com o hospital Porto Dias, terceirizando serviços. O hospital tem atendimento 24h e apresenta movimento o dia inteiro.

Fotografia 67 - Fachada da Unimed.



Fonte: Registro da autora

O letreiro da Unimed é composto por tipos sem serifa, presos em um fundo de cerâmica cinza. O logotipo e as informações em verde são comuns em serviços e referências a profissões da área da saúde. Os desgastes observados na fachada evidenciam a passagem do tempo — marcas de ferrugem, desbotamento e sujeiras escorridas pelas excessivas chuvas na região.

Também na Avenida Visconde Sousa Franco, está o Espaço Cultural Cabano Maestro Altino Pimenta, cujo nome homenageia uma importante personalidade do cenário musical da capital paraense. Nele, acontecem vários eventos culturais e esportivos, sendo o único na região metropolitana de Belém com treinos para esporte radicais, o que provoca o deslocamento de pessoas ao local, principalmente de jovens e adolescentes.

Fotografia 68 - Espaço Cultural Cabano Maestro Altino Pimenta



Fonte: Registro da autora

A fachada do espaço é composta por elementos distintos. O telhado, com aspecto semelhante ao de um chalé, é separado das janelas de madeira e dos vidros espelhados por uma estrutura treliçada amarela, possibilitando a entrada de ar na parte superior. São usados três elementos na arquitetura de prédios distintos e que comunicam usos diferentes. Ao pensar em um ginásio, imagina-se atividades de esporte; em um chalé, conforto e rusticidade; já as estruturas de vidros espelhados geralmente são usadas em edifícios dos grandes centros urbanos.

Há também uma estrutura de ferro para toldo que não é utilizada, pois está danificada. Há, ainda, outro toldo, em cima, de formato e acabamento diferentes. Percebe-se que a estrutura não faz parte da original e foi colocada ali para suprir a necessidade do toldo da estrutura original. Essa parte possui traços e marcas de desgaste e sua primeira fachada foi modificada, o que se verifica observando-se os elementos que não se encaixam na estrutura-base.

Diante da estrutura que compõe o prédio, faz-se necessário observar atentamente o letreiro com o nome do local para poder identificá-lo, pois disputa atenção com os portões amarelos, que sugerem as formas geométricas dos grafismos marajoaras, remetendo novamente ao signo da cultura regional.

Na esquina da Rua 28 de Setembro, encontra-se o prédio da Tabaqueira, que funciona das 7h30 às 19h. É um comércio antigo, que, desde 1927, vende charutos, cigarros e tabaco processado e, segundo uma entrevista com o dono do estabelecimento ao periódico *Diário Online*, é a única fábrica do tipo no estado.

Mesmo não tendo grande frequência de pessoas, a Tabaqueira se tornou ponto de referência devido à sua tradição familiar e local. Está lá desde o período em que o Reduto era um bairro operário e o Igarapé das Almas ainda era navegável.

Fotografia 69 - Fachada da Tabaqueira



Fonte: Registro da autora

A Tabaqueira funciona em um prédio de três andares residenciais e o térreo comercial. A loja é reconhecida apenas pela fachada verde e branca com letreiros de tipografia sem serifa em toda a extensão. Destaca-se uma empena com a imagem de uma mulher fumando charuto, associando a imagem feminina ao produto oferecido.

Nas portas e vitrines, enxerga-se apenas grades brancas em seu interior; ali, não há produtos expostos. São usadas para pregar cartazes de divulgação de serviços gráficos e venda de produtos que não são comumente vendidos em uma tabacaria: isso, em papel sulfite de tamanho A4, além de outros cortados, com impressão em preto e branco, que divulgam a venda de velas, por exemplo.

No local, também está a Fundação Nacional de Saúde Superintendência Estadual do Pará - Funasa, fundação pública federal vinculada ao Ministério da Saúde. A Funasa é responsável por promover e fomentar soluções de saneamento para prevenção e controle de doenças, bem como por formular e implementar ações de promoção e proteção à saúde estabelecidas pelo Subsistema Nacional de Vigilância em Saúde Ambiental, segundo as informações da coordenação de

comunicação da Fundação. Funciona em horário comercial, das 7h às 19h. O local tem fluxo intenso de entrada e saída de servidores e de veículos.

Fotografia 70 - Fachada da Funasa.



Fonte: Registro da autora

Figura 71 - Fachada da Funasa.



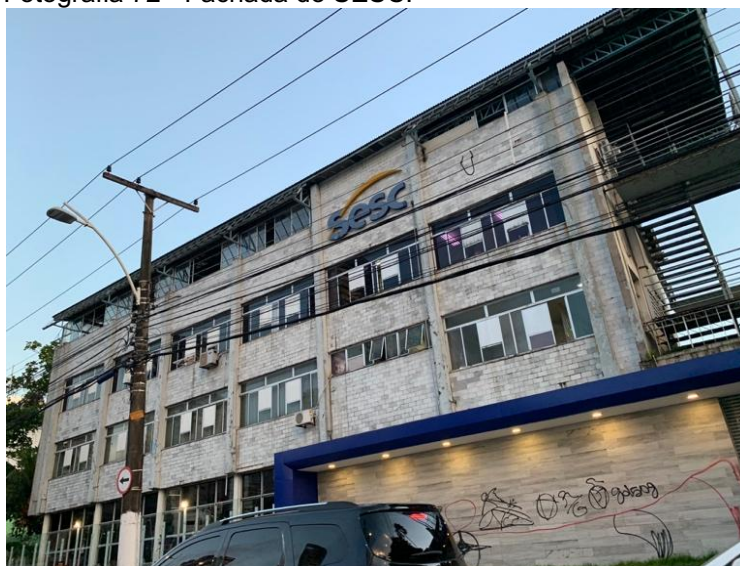
Fonte: Registro da autora

A fachada, nas cores verde e bege (fotografia 70), não evidencia o nome do local, pois está na testeira verde que fica atrás da guarita de entrada e das árvores. A aplicação sem cor de fundo da marca da Funasa e do nome por extenso dificulta sua visualização. A marca consiste em um logotipo com a borda do mapa do Brasil, dois traços que remetem a um círculo e o nome com tipografia grotesca, que é uma variação das letras mecânicas sem serifa.

Os signos existentes na Funasa trazem consigo os significados de controle ambiental, cuidados com o saneamento e auxílio à saúde no país, o que contrasta com o canal que está em frente, que se encontra em situação precária de manutenção e saneamento, gerando problemas de insalubridade.

Na esquina da Rua Senador Manoel Barata, fica o SESC, que atende os trabalhadores do setor comercial e seus dependentes. Oferece serviços voltados para esporte, educação, cultura e saúde, o que faz com que várias famílias se desloquem para o local para serem atendidas diariamente, principalmente por disponibilizar uma academia, que gera um grande fluxo de pessoas. O prédio possui uma fachada cinza, com vidraçaria no térreo, na qual se destaca a sua marca, que fica na altura do terceiro andar, com boa visibilidade para o usuário.

Fotografia 72 - Fachada do SESC.

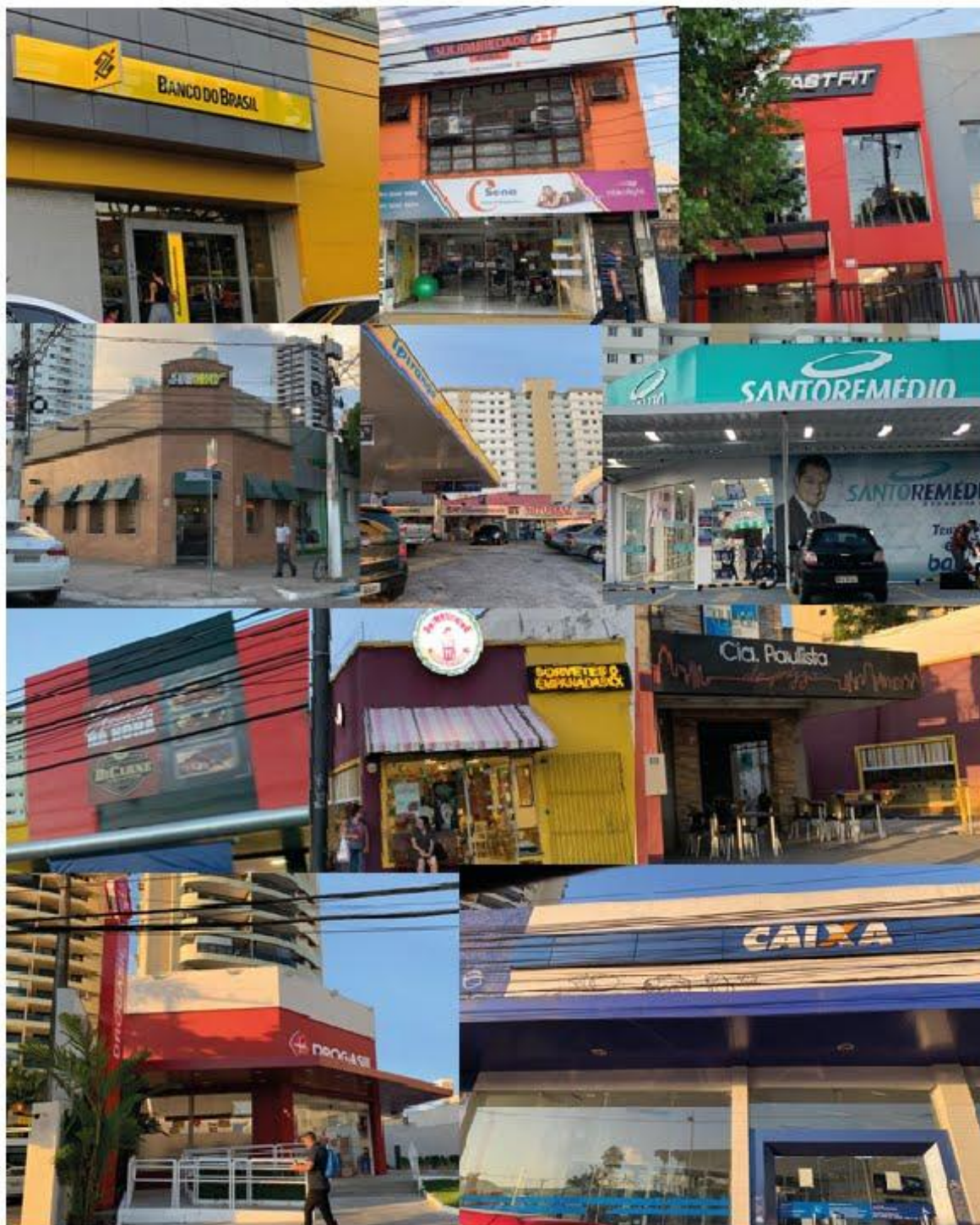


Fonte: Registro da autora

A marca do SESC consiste em uma tipografia sem serifa e um símbolo em azul, em um traçado que inicia do lado esquerdo inferior e termina no lado direito superior (fotografia 72). Em seu *site*, a organização afirma que a marca procura traduzir a transformação promovida pela evolução do seu trabalho. Ainda, em frente ao muro do prédio, há um canteiro com iluminação sobre as plantas. O muro se encontra pichado, chamando mais atenção que o canteiro local.

Nesse mesmo trecho, no lado da Rua Cônego Jerônimo Pimentel até a Rua Municipalidade, há um aglomerado de prestadores de serviços, como bancos, academia, lojas, lanchonetes e posto de gasolina com lojas de conveniência. Existe uma diversidade de cores nas suas fachadas, logotipos, tipografias e fotografias que comunicam os serviços prestados. As cores primárias são as mais constantes nessas fachadas e se evidencia uma concorrência entre elas, observada nas testeiras, placas, empenas e pinturas que chamam atenção e disputam a visibilidade no local.

Painel 73 - Fachadas, trecho 2.



Fonte: Registros e criação da autora

Nesse trecho, destacam-se as torres residenciais dos edifícios Village Sun e Village Moon. Com quarenta andares, são as construções mais altas da Região Norte, conhecidas, na cidade, por “torres gêmeas”, referência às torres do World Trade Center, em Nova Iorque, que já foram as torres mais altas do mundo,

trazendo consigo os signos de uma grande potência econômica e tecnológica. É um marco na região, apesar dos impedimentos, no solo, para se construir prédios tão altos no local.

Fotografia 74 - Edifícios Village Sun e Village Moon.



Fonte: Registros da autora

Fotografia 75 - Edifícios Village



Fonte: Registros da autora

No trecho 3 que corresponde ao lado da Rua Aristides Lobo até a Rua Manoel Barata, encontra-se a Unidade de Referência Especializada – URE, que faz atendimento à população por meio do Sistema Único de Saúde – SUS. O local funciona em um prédio verde que ocupa a quadra no perímetro das ruas Ó de Almeida e Manoel Barata. Apresenta falta de manutenção, com desgastes na fachada, sujeiras, acúmulo de entulhos no pátio e manchas na placa de identificação, o que dificulta sua leitura.

Fotografia 76 – Fachada URE.

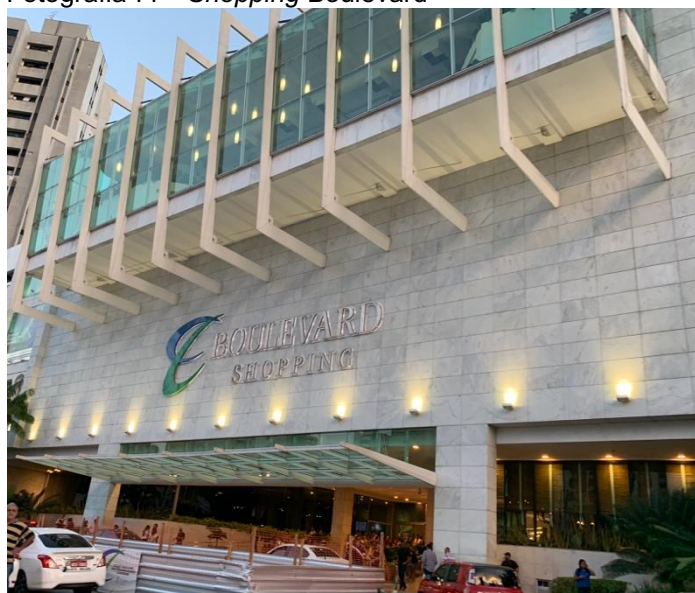


Fonte: Registro da autora

O *shopping* Boulevard, que se encontra no trecho 3, ocupa toda a quadra que corresponde às ruas Aristides Lobo e Ó de Almeida. Funciona das 10h às 22h e tem um fluxo intenso de pessoas e de automóveis, gerando engarrafamento nas suas proximidades. Ele chama atenção pela sua fachada em cerâmica clara, que imita a textura e a cor do mármore, e pela vidraçaria espelhada, que proporciona uma vista desde a praça de alimentação, com luminárias pendentes que aparecem como pequenos pontos de luz e passam a impressão de que estão flutuando.

O letreiro do *shopping* está exposto na testeira, com iluminação focada sobre ela, e possui um logotipo com tipografia, que compõe a sua marca. O termo “Boulevard” alude a uma grande avenida, o que representa também o local no qual está inserido, assim como o edifício Sunset Boulevard.

Fotografia 77 - Shopping Boulevard



Fonte: Registros da autora

Na quadra que corresponde ao perímetro da Rua Aristides Lobo e da Rua Tiradentes, encontra-se o edifício Atalanta, que ocupa toda a quadra e é notado pela sua arquitetura. Foi construído na década de 1980 e, na época, se tornou uma referência para a classe média alta.

Fotografia 78 - Edifício Atalanta.



Fonte: Registros da autora

Fotografia 79 - Fachada do edifício Atalanta.



Fonte: Registros da autora

No trecho 3 que corresponde ao lado da Antônio Barreto até a Rua Cônego Jerônimo Pimentel, encontra-se lojas de farmácia de manipulação, bancos, cursos e outros estabelecimentos que funcionam em horário comercial. Predominam, nas fachadas desses locais, as cores primárias, como no aglomerado que se encontra no trecho 2. As farmácias de manipulação possuem semelhança nas suas

testeiras, com cores azul e letreiros claros, o que traz a percepção da identidade visual própria desse tipo de serviço. O vermelho predomina nessa quadra, mas, entre todas as fachadas, chama à atenção a da loja de pneus, que é amarela, fazendo com que o usuário a perceba antes das demais.

Painel 80 - Fachadas, trecho 03.



Fonte: Registros e criação da autora

No trecho 4 que corresponde ao lado que compreende as ruas Boaventura da Silva e Tiradentes, encontra-se o supermercado Líder, que surgiu no local após as obras de canalização do Igarapé das Almas. Contando ainda com magazine e farmácia, o supermercado funciona 24h, sendo que a parte que corresponde ao magazine funciona apenas das 10h às 22h.

A fachada do supermercado, conforme o registro apontado na figura 11, no capítulo 2, era espelhada e havia apenas o letreiro com o seu nome. Percebe-se, portanto, uma transformação da fachada, que substituiu a vidraçaria pela alvenaria, sendo também expostas as novas marcas do magazine e da farmácia do grupo Líder, que funcionam no mesmo prédio, bem como a nova marca desenvolvida para o supermercado.

Fotografia 81 – Supermercado Líder.



Fonte: Registros da autora

O supermercado traz em seu nome o significado de liderança, o que se mostrou coerente à trajetória do mercado local, uma vez que existem muitas unidades em outros bairros, sendo o maior em número, espalhado por toda a cidade. O supermercado se destaca no local, visto que ocupa grande parte da quadra e, conseqüentemente, conduz o fluxo por meio da entrada e saída de pedestres e automóveis. Observa-se também que há nas calçadas um fluxo diário de vendedores ambulantes, o que aparenta haver uma concessão por parte do supermercado para tal uso, diferentemente de outras calçadas, como as das instituições públicas, do *shopping* e de alguns condomínios residenciais.

Próximo ao supermercado Líder, encontra-se a loja Sol Informática, com funcionamento 24h. A loja tem a fachada toda de vidraçaria espelhada, com o letrero da marca sobreposto, o que garante a imagem de um espaço requintado e atual, em consonância com os prédios de construção recente na avenida. A loja é referência em produtos e serviços de informática e atende a classe média alta.

No logotipo da loja, o “o” faz alusão a um “sol” e, por sua vez, à “iluminação”. O sol é referenciado como fundamental para a subsistência da vida terrestre e o desenvolvimento das mais diversas atividades do ser humano. O logotipo ainda tem como fundo a fachada de vidro espelhado, que reflete a luz natural.

Fotografia 82 - Fachada da loja Sol Informática.



Fonte: Registros da autora

Nesse mesmo trecho, no lado que corresponde à Rua Boaventura da Silva e à Rua Antônio Barreto, há prédios residenciais e farmácias. Destaca-se o edifício Times Square, construído na década de 1980, de uso residencial. É considerado um prédio de alto padrão, principalmente pela fama que ganhou desde o período de sua construção, devido à altura e aos acabamentos utilizados, juntamente com o edifício Atalanta. Na época, os dois edifícios se diferenciavam dos demais existentes na cidade.

Fotografia 83 - Fachada do edifício Times Square.



Fonte: Registros da autora

O nome do edifício faz referência ao famoso espaço entre duas avenidas de Nova Iorque, marcado pela existência de letreiros e painéis luminosos para uso publicitário. Esse espaço é usado como ícone mundial para a representação de cidade, trazendo à memória os significados de um grande centro urbano.

Em todos os trechos, observa-se pontos com prédios pichados e depredados, com vidros quebrados, sujeiras, pintura desgastada e revestimentos deteriorados. São pequenos locais esquecidos que estão no caminho das pessoas, pois se tornaram apenas passagens de um lugar para outro. Existem também pichações sobre alguns muros com grafiteagem, o que demonstra a disputa de território e a diversidade de narrativas.

Painel 84 - Prédios pichados e depredados.



Fonte: Registro e criação da autora

Nesta pesquisa, investigou-se os trechos da Avenida Visconde de Sousa Franco que formam o entorno do canal. O espaço analisado se inicia na Avenida Marechal Hermes e termina na quadra da Rua Boaventura da Silva (Cartografia

58). A avenida continua, mais estreita, até o cruzamento da Avenida Governador José Malcher, que não faz parte desta cartografia.

Fotografia 85 - Final da Avenida Visconde de Sousa Franco com a Rua Boaventura da Silva.



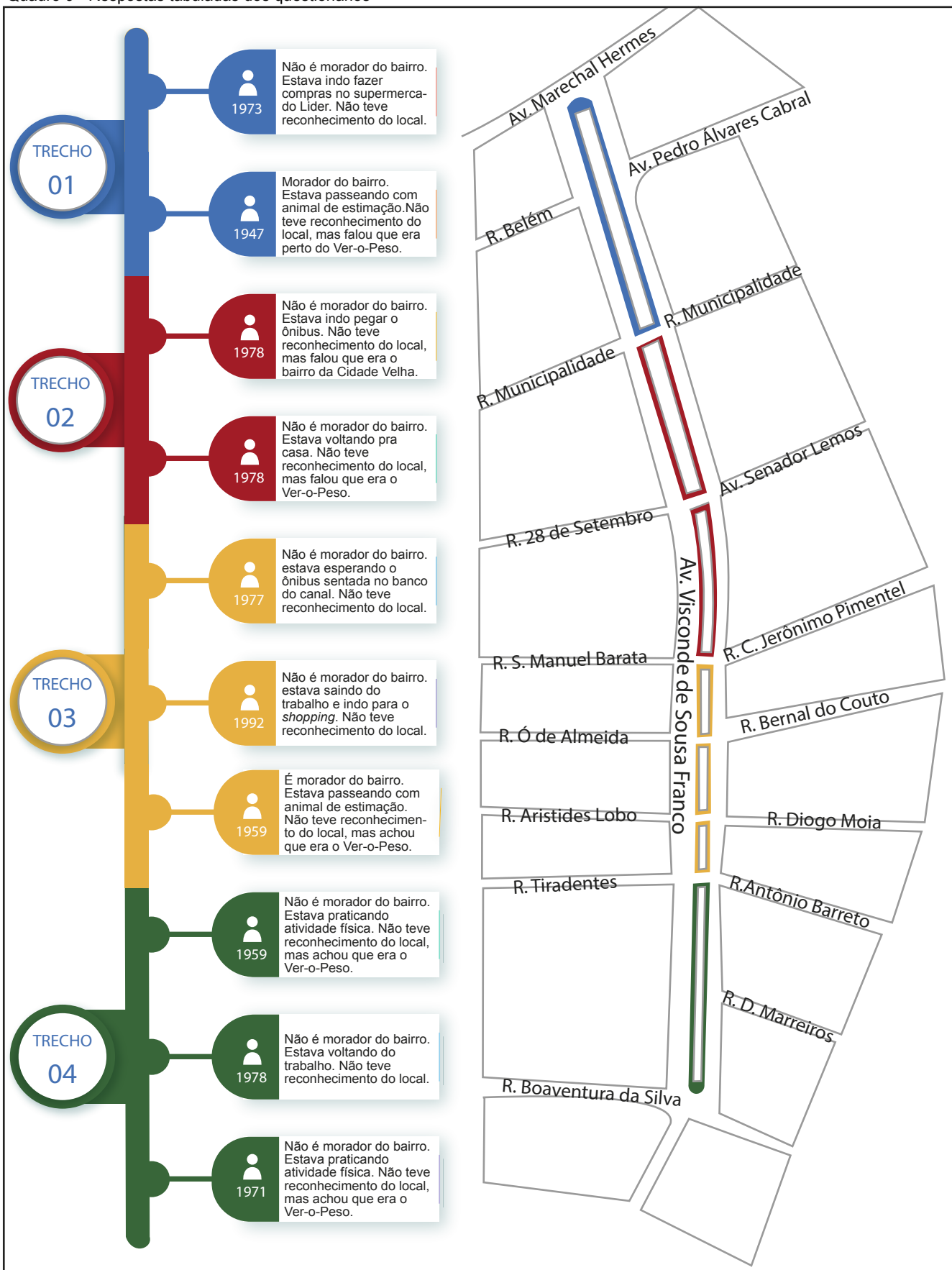
Fonte: Registros da autora

4.3 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

Os questionários aplicados propunham saber se as pessoas que caminham no entorno do canal da Avenida Visconde de Sousa Franco o reconheciam como o antigo Igarapé das Almas; para tanto, apresentava-se uma fotografia do igarapé ao entrevistado (fotografia 9). Questionou-se também as atividades dos transeuntes no local, o ano de nascimento e se eram moradores do bairro do Reduto ou do Umarizal.

Apresenta-se o resultado dos questionários aplicados a seguir:

Quadro 9 - Respostas tabuladas dos questionários



Fonte: Criação da autora

Constatou-se que muitas das pessoas que circulam o canal são oriundas de outros bairros e se deslocam para a Avenida Visconde de Sousa Franco por motivos de trabalho, compras e atividades físicas, considerando que, entre as pessoas entrevistadas, seis delas estavam apenas de passagem e duas estavam praticando atividades físicas. Identificou-se que nenhuma delas mora no bairro do Reduto ou do Umarizal, mas a circulação no local era parte de sua rotina. As duas pessoas moradoras do bairro se encontravam no local a passeio, com o seu animal de estimação.

Entre os dez entrevistados, nenhum reconheceu o local da foto, mesmo os que nasceram em período de antes das obras. Conclui-se que o Igarapé das Almas já não é uma referência para as pessoas, nem como elemento de memória. Os sujeitos ali circulam sem conhecer sua história; nem mesmo reconhecem o nome “Igarapé das Almas”.

Já a percepção do mercado Ver-o-Peso é evidente na memória das pessoas. Entre os dez entrevistados, seis acharam que o local da foto seria a feira, pois há uma semelhança entre o espaço do antigo Igarapé das Almas e o atual mercado. Essa é a referência mais próxima que os indivíduos mostraram de suas memórias, a partir da fotografia apresentada no questionário.

Fotografia 86 - Ver-o-Peso.



Fonte: Site do periódico *Catraca Livre*

Os usuários transitam na Avenida Visconde de Sousa Franco se utilizando do espaço que comportava as águas do Igarapé das Almas, mas desconhecendo o passado do local, que hoje se apresenta como um eixo de fluxo importante na cidade.

A Avenida Visconde de Sousa Franco, portanto, é hoje composta por um complexo de construções e atividades. Sua formação, a partir da canalização do Igarapé das Almas, consolida uma série de usos e operações. Nesta pesquisa, identificou-se os principais agentes de transformação do espaço, por meio de entrevistas e levantamento bibliográfico; as interferências ocorridas e o contexto da avenida, por meio dos elementos ali existentes; e a relação que se tem atualmente com o canal, antes igarapé.

4.4 AS MEDIAÇÕES DO ESPAÇO

A atual Avenida Visconde de Sousa Franco é o produto de diversas mediações ocorridas em seu espaço ao longo do tempo. Este tempo possui uma dissensão, provocada pela técnica, que se protagonizou nesse meio pela transformação causada no Igarapé das Almas.

As mediações apresentam-se como camadas que estão sobrepostas formando um conjunto, que é uma redução da realidade da cidade de Belém. Observou-se que esse conjunto complexo é formado pelas pessoas, pelo comércio, pelas habitações, pelo poder público, pelo capital privado e pela natureza.

Trata-se das pessoas que habitam, trabalham e circulam nesse meio para diversas práticas de lazer e serviços. Elas são agentes importantes nesse contexto, pois o processo de formação da atual Avenida sempre esteve tratando delas, em diferentes momentos, seja para desapropriar algumas e acomodar outras. Assim como as pessoas, o igarapé das almas também passou a acomodar uma nova forma, que aparentemente o acomoda: o canal.

O comércio, realizado pelas pessoas, seguiu o comportamento e as práticas daquelas que estavam presentes nesse espaço em cada momento. Antes da canalização a forma do igarapé era utilizada como doca, onde ocorria a rotina das pessoas, que comercializavam os produtos da região. No entanto, esse comércio também foi alterado pelas novas formas que se estabeleceram posteriormente à canalização. Onde havia canoas passou, então, a circularem automóveis.

Diante da infraestrutura ofertada novas habitações passaram a existir nesse espaço, mediante as obras proporcionadas pelo poder público, que deram vez ao capital privado, por meio do mercado imobiliário. Já as habitações de palafitas, que eram das pessoas que moravam antes da canalização do igarapé, foram removidas e o espaço atual foi remodelado para receber os novos prédios.

A natureza do espaço tratado já havia sofrido alterações urbanas em seu meio, para estabelecer as primeiras habitações e o comércio, por meio da estrutura de doca. Alguns prédios e algumas fábricas já existiam antes da canalização. Houve, então, uma sucessão de técnicas que foram desencadeando as mudanças nesse meio. No entanto, depara-se com um evidente distanciamento do espaço às suas origens naturais quando se observa a detenção do poder de técnica.

Essas questões do espaço, desde o igarapé das Almas até a formação atual da Avenida Visconde de Sousa Franco, apresentam os usos praticados nele, que também nos mostram os significados do contexto urbano atual, proveniente das diversas formas moldadas no decorrer do tempo.

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

O espaço urbano possui uma alta taxa informacional pelas diversas atribuições dadas aos locais existentes, que compõem um conjunto complexo de usos e significados, como é o caso da Avenida Visconde de Sousa Franco. De acordo com Ferrara (2009), no ambiente urbano projetado, pensado para o usuário e a cidade criada pelo mesmo usuário, a ideologia do projeto e o uso se confrontam. Assim, a compreensão desse espaço está diretamente ligada ao entendimento de como se estabelecem as práticas, por meio de ações táticas e estratégicas.

Entendendo-se o ambiente urbano como representação que se envolve com as relações de produção, temos o estabelecimento de, pelo menos, dois níveis ideológicos: de um lado, o projeto, arauto de uma ideologia dominante e institucionalizada, de outro, o uso, cotidiano, simples, descontraído que denuncia, no interior do ambiente urbano, a representação do próprio antagonismo social. (FERRARA, 2009, p. 186)

Percebe-se ações estratégicas nas práticas instituídas, no caso da Avenida Visconde de Sousa Franco, projetada em função de radical transformação do urbanismo da cidade de Belém, na qual os igarapés perderam espaço. O último projeto executado no local, que culminou na transformação do Igarapé das Almas em um canal, foi desenvolvido pelo DNOS a partir de 1963 e concluído dez anos depois.

Sob a alegação de problemas de saneamento e esgoto, para a execução do projeto, os indivíduos que habitavam as palafitas no entorno do igarapé foram retirados, gerando um processo de gentrificação¹⁶. Os moradores não retornaram à avenida após a conclusão das obras devido ao custo elevado para se manter a nova infraestrutura e à mudança radical de usos na localidade: privilegiou-se instituições e indivíduos que detinham poder aquisitivo para pagar pela infraestrutura ofertada.

A despeito dos argumentos que levaram à intensa transformação do espaço, ainda persistem problemas de saneamento, visto que o canal é um receptor de esgoto e, nele, ocorre transbordamentos. Dessa forma, a obra investida para

¹⁶ Fenômeno que provoca o afastamento da população local de uma região, ligado às obras de estruturação do espaço urbano: as pessoas de baixa renda não conseguem mais se manter no local que habitavam devido ao alto custo estabelecido para se viver naquele espaço.

aterramento e canalização do Igarapé das Almas e terraplanagem e pavimentação das vias não foram suficientes para sanar as questões levantadas na época ou, mesmo, não visava efetivamente essa resolução.

Entretanto, a crise ambiental mostra a necessidade de revalorizar o fato urbano a partir da racionalidade ambiental; de romper a inércia crescente de urbanização e repensar as funções atribuídas à vida urbana. A sustentabilidade global obriga a pensar o substrato ecológico onde se assenta a cidade, a encará-la como um processo entrópico; a relacionar a construção do urbano (habitação, transporte etc.) em função da qualidade do ambiente que ele gera e de seu impacto na degradação do ambiente pelo consumo de recursos; a considerar o fato urbano em sua dimensão territorial como um sistema de assentamentos em relação com seu ordenamento ecológico e com o ambiente global; a conceber o contínuo urbano-regional como uma conjunção de funções produtivas e de consumo, políticas e culturais. (LEFF, 2004, p. 290)

Após anos de obras e intervenções, a avenida ficou pronta e recebeu o mercado imobiliário, que se estabeleceu inicialmente no bairro do Reduto e, mais recentemente, no bairro do Umarizal. Prédios residenciais e comerciais demandados pela nova infraestrutura passaram a tomar a paisagem, que antes era composta pelo igarapé e as embarcações que nele circulavam.

A paisagem que existe hoje na avenida é formada pelos diversos elementos identificados nesta pesquisa, que revelam seus usos e significados, os quais direcionam para um contexto ideológico. Nesse sistema de valores, identificou-se que o comércio, o lucro, a rotatividade das pessoas por meio da prestação de serviço e a especulação imobiliária se manifestam por meio da comunicação visual existente nos elementos e artefatos analisados. Também, ocorreram tentativas de fazer com que a cultura regional fosse retratada mediante determinados artefatos; no entanto, aqueles que trazem a imagem de metrópoles internacionais são mais expressivos e facilmente identificáveis.

Então, percebe-se que se direcionou o espaço estudado a práticas instituídas pelo poder público no momento de sua concepção e, no decorrer do tempo, outras foram desenvolvidas por meio de instituições privadas. Existem, ainda, as ações de indivíduos que fazem parte do cotidiano desse espaço de forma voluntária e descontraída, porém, de maneira inconsciente, ficam limitadas à forma como foi conduzido cada local que compõe hoje o espaço da avenida. Entretanto, os usos não se submetem a um caráter oficial, visto que se moldam às táticas dos usuários.

As práticas dos indivíduos revelam o contexto atual urbano, uma vez que comunicam os usos que se modificam, tornam-se complexos e, conforme Ferrara (2009), se aprofundam para se transformar nas formas fundamentais da cosmovisão do uso urbano. Essa cosmovisão consiste na complexidade do ambiente urbano que é transmitida pela visualização e a decodificação de seus elementos, considerando-se o caso da Avenida Visconde de Sousa Franco.

A compreensão da transformação do uso parte das memórias existentes desde que o igarapé sofreu a intervenção que transformou suas margens em uma avenida, limitando suas águas a uma infraestrutura de concreto. Essas memórias revelam que, para a formação do espaço atual, houve grande contribuição do crescimento econômico no período da Belle Époque, em que se iniciaram vários aterramentos na cidade e, desde então, continuaram a ser praticados para sua expansão.

De maneira mais específica, o Igarapé das Almas começou a ser moldado conforme as rodovias foram sendo construídas pelo país. Houve incentivo no desenvolvimento do tráfego rodoviário diante da abertura do mercado para a indústria automobilística, o que gerou desinteresse em investir no tráfego hidroviário e, conseqüentemente, no uso dos rios como vias, descartando-se, assim, a possibilidade de aproveitar seu curso natural e realizar um projeto aparentemente mais adequado à natureza do ambiente.

Contudo, as intervenções do espaço foram conduzidas sob uma perspectiva sujeita a acumulação de capital, não com o propósito de buscar intervenções antropogênicas, de maneira que estas se tornassem partes integrantes dos processos naturais, a provocar uma compreensão da natureza e uma integração entre o ser humano e ela, como é tratado por McHarg (1969). Assim, poderíamos acreditar que a proposta idealizada pelo Major Engenheiro Gaspar João Gronfelts, que surgiu em 1771 na expansão da cidade e tinha como objetivo seguir o fluxo dos rios, dando funcionalidade a eles, como caminho por meio da navegação, seria mais coerente à natureza do espaço estudado? Talvez essa questão diminuísse as possibilidades dos transtornos ocasionados hoje no local.

Dessa forma, concorda-se com Bonsiepe (2011, p.19) quando ele afirma que “o design deve recorrer a conhecimentos científicos quando a temática o exige [...] não com a intenção de transformar o design em ciência, mas de entender que o

projeto não se restringe a disciplinas projetuais”. Para isso, os levantamentos de dados, que tratam do processo de transformação do espaço, oferecem uma reflexão para a elaboração de projetos que visem comportar as diversas camadas, que precisam ser atravessadas, as quais só podem ser compreendidas se houver o reconhecimento científico de suas especificidades. Por isso, qualquer projeto urbano, pode estar restrito apenas a questões das práticas projetuais, se não for tratado conforme as necessidades apresentadas daquilo que está envolvido nele.

Percebeu-se que a técnica surgiu como protagonista na formação da Avenida Visconde de Sousa Franco, pois foi a partir da canalização do igarapé que a relação das pessoas com este deixa de existir. No imaginário da população, não há mais a percepção do igarapé, nem da sua natureza ou das suas origens.

O contexto existente no espaço em que havia o igarapé foi alterado: Santos (2006) afirma que a técnica deve ser entendida como transformadora da realidade; verifica-se que ela teve ação sobre a produção espacial e, ao estudar a sua evolução, chega-se à análise da história da sociedade e de sua transformação no decorrer do tempo. As mudanças ocorriam de forma mais lenta antes da técnica, mas, com ela, houve avanço em grande velocidade.

O propósito pelo qual a avenida se desenvolveu e suas designações foram conduzidos em razão da geração de capital e da transferência deste, que deveria ser da população, para algumas pessoas e firmas. A Avenida Visconde de Sousa Franco se apresenta, portanto, como um caso em que a natureza foi submetida em favor de uma infraestrutura urbana visando a acumulação do capital, que

[...] sempre foi uma questão profundamente geográfica. Sem as possibilidades inerentes à expansão geográfica, à reorganização espacial ao desenvolvimento geográfico desigual, o capitalismo há muito teria cessado de funcionar como sistema econômico político. (HARVEY, 2015, p. 40)

Tem-se, portanto, uma avenida que apresenta elementos variados, em que os usos se intercalam entre atividades de lazer, comércio e habitação, considerando, ainda, que esta última segrega os indivíduos, afastando aqueles com menor poder aquisitivo, que fazem parte de uma classe também proveniente de um substrato gerado após a intervenção urbana no local tratado. Nos objetos e elementos que compõem o espaço, identifica-se os signos comunicados pela visualização do meio e, nesses signos, fica evidente a repercussão do tempo na variação do espaço

diante da forma como se apresentam e do momento no qual foram estabelecidos. No entanto, concorda-se que

Seria difícil saber o que se deu primeiro, o uso ou o contexto, o que parece ocorrer é um bombardeio contínuo de estímulos contextuais que geram usos articuladores de uma linguagem ambiental que acabará por interferir finalmente e outra vez sobre o contexto. (FERRARA, 2009, p. 121)

Compreende-se, portanto, o contexto atual da Avenida Visconde de Sousa Franco como um local estabelecido, que limita dois bairros, com uma infraestrutura urbana de saneamento e diversos elementos com funcionamentos públicos e privados. Isso contrasta com o contexto que antecedeu a canalização do igarapé, no qual se contava com um rio navegável utilizado para o comércio, que gerava renda para população local: havia afetividade e identificação com o igarapé, provocadas pelo uso do rio, firmadas por ações táticas que resguardavam a sua natureza.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I, Magia e técnica, arte e política.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

BONSIEPE, Gui. **Design, cultura e sociedade.** São Paulo: Edgard Blücher, 2011.

CARDOSO, A. C.; LIMA, J.; VENTURA NETO, R.; RODRIGUES, R.; XIMENES, J.; GOMES, T. **Forma urbana de Belém e seus desdobramentos para a formação de um sistema de espaços livres acessível à população. Paisagem e Ambiente**, n. 37, p. 11-34, 26 jul. 2016.

CARDOSO, Rafael. **Design para um Mundo Complexo.** São Paulo: Cosac Naify, 2012.

CARNEIRO, Paulo Roberto Ferreira; MIGUEZ, Marcelo Gomes. **Controle de inundações em bacias hidrográficas metropolitanas.** São Paulo: Annablume, 2011.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer.** Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de, GIARD, Luce & MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano 2. Morar, Cozinhar.** Ed. 12. Petrópolis: Vozes, 2013.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **A estratégia dos signos: linguagem/espaço/ambiente urbano.** Ed. 2. São Paulo: Perspectiva, 2009.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Ohar Periférico.** São Paulo: Edusp, 1993.

FILHO, Meira Augusto (1976). **Evolução Histórica de Belém do Grão-Pará.** Fundação e História. II volume. 1ª ed.: Belém.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

HARVEY, David. **Espaços da esperança.** Ed. 7. São Paulo: Loyola, 2015.

HESKETT, John. **Design.** São Paulo: Ática, 2008.

LEFF, H. **Aventuras da epistemologia ambiental: da articulação das ciências ao diálogo de saberes.** Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2004.

LYNCH, Kevin. **The image of the city.** Cambridge: The M.I.T Press, 1960.

McHARG, Ian L. **Design with nature.** Nova Iorque: Doubleday/National History Press, 1969.

MESQUITA, André Luiz. **Mapas dissidentes: proposições sobre um mundo em crise (1960-2010)**. 21 fev. 2013.

MONTEIRO, Walcyr. **Visagens e Assombrações de Belém**. Belém: Smith Editora. 2007.

PENTEADO, Antônio. **O estudo da geografia urbana de Belém**. Belém: UFPA, 1968.

RONILK, Suely B. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo, Estação Liberdade, 1989.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SARGES, Maria de Nazaré dos Santos. **Memórias do “Velho” intendente: Antônio Lemos – 1869-1973** / Maria de Nazaré dos Santos Sarges. Campina, SP: [S.N.], 1998.

SEDLMAYER, Sabrina e GINZBURG, Jaime (Org.). **Walter Benjamin: rastro, aura e história**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012: 13.

SERRES, Michel. **Atlas**. Lisboa: Instituto Piaget. 1997.

SPIRN, Anne Whiston. **O jardim de granito: a natureza no desenho da cidade**. São Paulo: Edusp, 1995.

TRINDADE, Saint Clair. **Produção do Espaço e uso do solo urbano em Belém**. Belém, PA: UFPA, 1997.

VASSÃO, C. A. **Metadesign Ferramentas, Estratégias e Ética para a Complexidade**. São Paulo: Ed. Edgard Blücher, 2010.

WEISS, C. H. Evaluation. 2. ed. Upper Saddle River: Prentice-Hall, 1998.

APÊNCIDES**APÊNCIDE I - ENTREVISTA COM ANTÔNIO CARLOS FERREIRA GOMES
REALIZADA EM 05 DE OUTUBRO DE 2018**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE ARTES

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM DESIGN

Questionário para pesquisa de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Design aplicado para Antônio Carlos Ferreira Gomes, chefe da Assessoria Técnica da SESAN - Secretaria de Saneamento da Prefeitura de Belém.

Aluna: Larissa de La-Rocque Corrêa Teles

Matrícula: 170134059

1) Qual a sua data de nascimento?

9 de Junho de 1959.

2) Como o Igarapé das Almas foi transformado para o canal?

Foi na gestão do prefeito Nélio Lobato. Ele fez a Doca, a Augusto Montenegro e a João Paulo.

3) Qual foi a empresa que fez a execução das obras?

Foi a empresa Estacon Engenharia.

4) Porque há lançamento de esgoto no canal? A SESAN pensa em reverter isso? De que forma?

A concessão de esgoto no Pará é da COSAMPA. Só há coleta de esgoto no bairro da Cidade Velha. Só há 12% de coleta de esgoto na Região Metropolitana e 4% de tratamento de 4%. Por isso a SESAN permite o lançamento de esgoto tratado na rede de drenagem.

5) Há projetos previsto para o entorno do canal?

Sim. Um projeto da Bacia do Una: "Promabem 2", que consiste na limpeza, dragagem e revitalização das marginais dos canais.

Há também o projeto "Cidade para Todos" que tem a iniciativa de incentivar as pessoas a usarem a Avenida para atividades de lazer, no entanto as pessoas que moram longe não se deslocam para a Doca.

Já ocorreu uma revitalização do canal da Doca na gestão do prefeito Hélio Gueiros em 1993 à 1996.

Hoje há um projeto em concepção para erradicar os alagamentos. A sugestão é de usar as marginais do canal para fazer embaixo dela um canal subterrâneo. Não haverá desapropriação, o que é melhor, mais viável.

6) Como é realizada a limpeza do canal?

A limpeza do canal é manual, por meio de raspagem, para retirar limos, garrafas e lixo. Diariamente são realizadas as limpezas das comportas. São seis comportas. A limpeza é feita de maneira manual na baixa-mar.

O prefeito Helder Barbalho pretende fazer comportas novas para o “Projeto Porto do Futuro”, que consiste na revitalização do Porto.

A limpeza ideal seria de realizar dragagem a cada três anos, devido o canal da doca ter ligação hidráulica com o canal da Marechal Hermes.

7) Como funciona o sistema de drenagem do canal?

Pelo sistema convencional de boca de lobo nas canaletas do meio fio que jogam as águas pluviais para o canal. O controle da água é feito pelas comportas entre a Baía do Guajará e o canal. Algumas construções lançam o esgoto na rede de drenagem que vai para o canal da Doca. Isso também dificulta também a manutenção. A fábrica de sabonete Phebo joga resíduos da produção no canal, mas em 2014, a SESAN passou a exigir dela o tratamento desses fluidos para poderem continuar lançado no canal.

8) O que causa os transbordamentos no canal?

Algumas interferências na infraestrutura do canal, como as pontes que possuem vigas muito baixas e dificultam a manutenção.

APÊNCIDE II - ENTREVISTA COM AURÉLIO DO CARMO REALIZADA EM 06 DE OUTUBRO DE 2018



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM DESIGN

Questionário da discente Larissa de La-Rocque Corrêa Teles, matrícula 170134059, para a pesquisa de mestrado do programa de pós graduação em design, aplicado ao governador de 1960 à 1964 Aurélio do Carmo.

1) Qual o ano do seu nascimento?

Em 31 de janeiro de 1922

2) Como era a cidade antes da Doca ter o canal?

A cidade era muito bonita e requintada, herança da Belle Époque. Era uma cidade cheia de trilhos, com bondes que funcionavam e transportavam as pessoas para os bairros mais afastados.

3) Como era o Igarapé das Almas?

Era como os outros rios da cidade com canoas e barcos que faziam o comércio ali.

4) Você lembra do bairro do Reduto? Como era?

O bairro do Reduto era um local de comércio. E depois do período da borracha ainda recebia mercadorias como frutos, peixes e cestos artesanais. Depois surgiram as fábricas.

5) Quando ocorreu a canalização do igarapé?

A canalização, foi feita na administração do prefeito Nélio Lobato. O DNOS, na época, elaborou um projeto de macrodrenagem.

6) Por que ocorreu a canalização do Igarapé?

Para abrir acessos e vias. Os trilhos e bondes foram retirados. Os trilhos foram cobertos durante as obras.

**APÊNCIDE III - ENTREVISTA COM EDILTON WANZELER DE FIGUEIREDO
REALIZADA EM 02 DE MAIO DE 2019**



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM DESIGN

Roteiro da discente Larissa de La-Rocque Corrêa Teles, matrícula 170134059, para a pesquisa de mestrado do programa de pós graduação em design, aplicado ao morador de Belém Edilton Wanzeler de Figueiredo.

1) Qual o ano do seu nascimento?

14 de Novembro de 1937

2) Qual o bairro que você mora? Desde quando?

Bairro de Fátima. Eu cheguei aqui em 70, por ai... Eu não me lembro a data, mas isso aqui era um gapó.

3) Você lembra desses locais?





A minha vista é muito ruim... (então foi explicado para o morador qual eram os locais das fotos).

O igarapé das Almas, quando eu cheguei aqui, tinha casa de um lado e uma fila de casa na beira da vala e o fundo das casas ficavam pro igarapé. Eu não me recordo se foi na gestão de Aurélio do Carmo, que ele tirou esse pessoal da beira da vala e colocou pra cá pro bairro. Aqui também era um gapó, quando chovia muito as casas iam para o fundo.

Então o governador tirou as casas da beira da vala e ficou só do outro lado. Os fundos ficavam para a vala e o governador tirou todo o pessoal de lá e espalhou pra cá, e mandou ajeitar aquela vala, aquele igarapé. Deixou do jeito que está.

Eu não lembro direito o governador, mas pra mim era o Aurélio do Carmo.

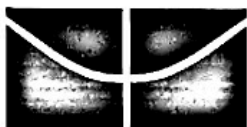
4) Você frequentava o Igarapé das Almas? Se sim, por qual motivo?

Não muito. Eu andava por lá, mais dia de sábado, porque o meu serviço era pra cá, mas eu ia pra feira lá.

5) Você pode me descrever como era o Igarapé das Almas?

Pelo o que me lembro eram muitas moradias na beira do igarapé. Não via muito comércio lá não, eram mais as casas na beira do igarapé.

APÊNCIDE IV - TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE ENTREVISTA ORAL. ENTREVISTADO: ANTÔNIO CARLOS FERREIRA GOMES



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM DESIGN

TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE ENTREVISTA ORAL

CEDENTE: Antônio Carlos Ferreira Gomes
_____, nacionalidade Brasileiro, estado civil Casado,
profissão Engenheiro Civil, portador da Cédula de
Identidade RG/nº 4925284, emitida pelo Secep/PA,
e do CPF nº 069 110 722 -04, domiciliado e residente na Rua/Av./Praça
Travessa Humaitá, nº 1301

CESSIONÁRIO: Universidade de Brasília - UNB / Instituto de Artes / Departamento de
Design / programa de Pós Graduação em Design, estabelecido no Campus
Universitário Darcy Ribeiro. Instituto Central de Ciências - Ala Norte, Subsolo - Módulo
18 . Asa Norte, Brasília-DF. CEP 70910-900

OBJETO: Entrevista gravada exclusivamente para o Curso de Mestrado em Design da
Universidade de Brasília – UNB

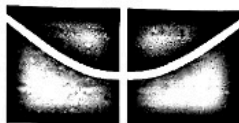
DO USO: Declaro ceder a Universidade de Brasília/ Curso de Mestrado em Design sem
quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros a plena
propriedade e os direitos autorais do relato de caráter histórico e documental que prestei
a pesquisadora Larissa de La-Rocque Corrêa Teles, na cidade de Belém, em
05 / 10 / 2018, num total de 01 gravação de celular.

A Universidade de Brasília/Instituto de Artes/ Programa de Pós Graduação em Design,
fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o
mencionado relato, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros
o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas, com a única ressalva de
sua integridade e indicação de fonte e autor.

Antônio Carlos Ferreira Gomes Belém, 05 de Outubro de 2018.

Assinatura do Depoente/Cedente

APÊNCIDE V - TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE ENTREVISTA ORAL. ENTREVISTADO: AURÉLIO DO CARMO



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM DESIGN

TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE ENTREVISTA ORAL

CEDENTE: Aurélio Carmo do Carmo
 ____, nacionalidade Brasileiro, estado civil Casado,
 profissão Desenhador aposentado portador da Cédula de
 Identidade RG/nº 349-0AB/PA, emitida pelo OAB/PA,
 e do CPF nº 000.489.682-34, domiciliado e residente na Rua/Ay./Praça
Av. Governador José Malcher, 534 - Aptº 701.

CESSIONÁRIO: Universidade de Brasília - UNB / Instituto de Artes / Departamento de Design / programa de Pós Graduação em Design, estabelecido no Campus Universitário Darcy Ribeiro. Instituto Central de Ciências - Ala Norte, Subsolo - Módulo 18 . Asa Norte, Brasília-DF. CEP 70910-900

OBJETO: Entrevista gravada exclusivamente para o Curso de Mestrado em Design da Universidade de Brasília – UNB

DO USO: Declaro ceder a Universidade de Brasília/ Curso de Mestrado em Design sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros a plena propriedade e os direitos autorais do relato de caráter histórico e documental que prestei a pesquisadora Larissa de La-Rocque Corrêa Teles, na cidade de Belém, em 06/10/2018, num total de 01 gravação de celular.

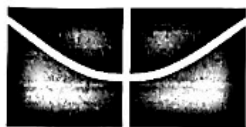
A Universidade de Brasília/Instituto de Artes/ Programa de Pós Graduação em Design, fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado relato, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Belém, 24 de Julho de 2019

Aurélio Carmo do Carmo

Assinatura do Depoente/Cedente

APÊNCIDE VI - TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE ENTREVISTA ORAL. ENTREVISTADO: EDILTON WANZELER DE FIGUEIREDO



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM DESIGN

TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE RELATO ORAL

CEDENTE: EDILTON WANZELER DE FIGUEIREDO
_____, nacionalidade BRASILEIRO, estado civil VIÚVO,
profissão APOSENTADO, portador da Cédula de
Identidade RG/nº 1331021, emitida pelo SEGOP-PA,
e do CPF nº 023 927 392 - 34, domiciliado e residente na Rua/Av./Praça
ADEMAR DE BARROS, 76

CESSIONÁRIO: Universidade de Brasília - UNB / Instituto de Artes / Departamento de Design / programa de Pós Graduação em Design, estabelecido no Campus Universitário Darcy Ribeiro. Instituto Central de Ciências - Ala Norte, Subsolo - Módulo 18 . Asa Norte, Brasília-DF. CEP 70910-900

OBJETO: Entrevista gravada exclusivamente para o Curso de Mestrado em Design da Universidade de Brasília – UNB

DO USO: Declaro ceder a Universidade de Brasília/ Curso de Mestrado em Design sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros a plena propriedade e os direitos autorais do relato de caráter histórico e documental que prestei a pesquisadora Larissa de La-Rocque Corrêa Teles, na cidade de Belém, em 02/05/2019, num total de 01 gravação de celular.

A Universidade de Brasília/Instituto de Artes/ Programa de Pós Graduação em Design, fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado relato, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Belém, 21 de JULHO de 19.

Edilton Wanzeler de Figueiredo

Assinatura do Depoente/Cedente

APÊNCIDE VII - QUESTIONÁRIO APLICADO NO ENTORNO DO CANAL AOS FREQUENTADORES DA AVENIDA VISCONDE DE SOUSA FRANCO



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE ARTES

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM DESIGN

Questionário para pesquisa de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Design aplicado para **frequentadores da Visconde de Sousa Franco**.

Aluna: Larissa de La-Rocque Corrêa Teles

Matrícula: 170134059

1) Você reconhece o local dessa foto?



- 2) Qual o ano do seu nascimento?
- 3) Você é morador do bairro?
- 4) Por qual motivo você está circulando no entorno do canal?

**ANEXO II - LEGENDA DA PLANTA DE CANALIZAÇÃO DO IGARAPÉ DAS
ALMAS. ARQUIVO DA SESAN E PROJETO DO DNOS**

AUTOR DO PROJETO <i>B. W. Wyer</i>	MINISTÉRIO DA VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS DEPARTAMENTO NACIONAL DE OBRAS DE SANEAMENTO
DESENHO <i>Miguel de Moraes</i>	SANEAMENTO DE BELÉM ESTADO DO PARÁ
VERIFICAÇÃO <i>Wanderley de S. Cantanhede</i>	DRENAGEM PLUVIAL DA BACIA DO IGARAPÉ DAS ARMAS PLANTA DA RÊDE COLETORA
VISTO <i>B. W. Wyer</i>	ENGENHEIRO RESPONSÁVEL <i>Hildalíus Cesar Wanderley Cantanhede</i>
DATA - NOVEMBRO - 1963	HILDALÍUS CESAR WANDERLEY CANTANHEDE - C.R.E.A. 4299 - D. 5ª REGIÃO
ESCALAS - 1:5 000	ESCRITÓRIO HILDALÍUS CANTANHEDE
FL - 78-85	ENGENHARIA CIVIL E SANITÁRIA SOC. LTDA. RUA SÃO JOSÉ, 50 - GRUPO 801 - RIO DE JANEIRO

ANEXO III - MATÉRIA DO JORNAL: DIÁRIO ONLINE ASSUNTO: A TABAQUEIRA

NOTÍCIAS PARÁ

Belém vista por trás do balcão

🕒 quarta-feira, 11/01/2012, 02:48 - Atualizado em 11/01/2012, 02:48 - 👤 Autor:



Há aproximadamente seis décadas, o empresário José Joaquim Diogo é testemunha de uma cidade em constante transformação. Da infância no bairro do Reduto, em Belém, ele se lembra da movimentada zona portuária em frente do comércio do pai, vizinho do Igarapé das Almas, atual avenida Visconde de Souza Franco. Recorda-se das ruas lotadas de operários que trabalhavam naquele então próspero polo industrial. De nomes e endereços que já se perderam no tempo, como a da fábrica de cordas Perseverança; da Vigor, de guaraná; da Boa Fama, de calçados; da Democrata e da Nacional, ambas de cigarros.

Na década de 1970, a partir do saneamento e a canalização do rio, iniciou-se o processo que tornou a via o metro quadrado mais valorizado da capital. Prédios residenciais, shopping center, bares e restaurantes badalados que se instalaram por lá fizeram do ordeiro bairro operário o centro de lazer da cidade.

“O Reduto trocou o dia pela noite”, atesta José Joaquim Diogo, 66, proprietário da Tabaqueira. “O bairro mudou muito. Se tornou mais boêmio, mais caro. O que antes era só casa de operário, agora tem vários arranha-céus de luxo. Mas a qualidade de vida piorou um pouco: muito barulho, muita gente bêbada, prostituição”, diz.

Uma das poucas coisas que não mudou no bairro foi a sua loja. A fábrica de processamento de tabaco foi fundada há 90 anos, em 1927, e permanece no mesmo endereço desde então: na Visconde de Souza Franco – a popular ‘Doca’ -, bem na esquina da rua 28 de Setembro.

O negócio, ele herdou do falecido pai, o imigrante português José Ferreira Diogo, que veio a Belém aos 13 anos para trabalhar com o irmão. Ela é uma das poucas remanescentes do passado industrial do bairro. A única fábrica de cigarros do Estado, segundo seu proprietário.

O fumo é comprado de produtores do município de Bragança, a 220 quilômetros da capital. A matéria-prima chega em rolos de folhas prensadas, que são separados em uma máquina e aquecidos em um forno, para depois secar. São produzidos 2.000 quilos de tabaco por mês.

Mas numa época de aperto do cerco ao tabagismo, o negócio ainda é vantajoso? “As pessoas usam o tabaco não só para fumar, mas para fazer remédio, pra usar como pesticida nas plantas. Tem muita gente de terreiro, que compra pra fazer oferenda”, explica Diogo, que ainda vende na loja material para pesca, rolos de fios de náilon, botas de borracha e velas.

“Minha clientela é mais gente do interior. O caboclo usa o tabaco para espantar os mosquitos durante a pesca, é tiro e queda”, complementa.

A loja anexa à fábrica parece um museu, de uma época distante, em que fumar era um hábito socialmente aceitável. Na parede, uma foto do rei Roberto Carlos ainda jovem, ostentando uma vasta cabeleira e um cachimbo no canto da boca, tirada em uma de suas passagens por Belém nos anos 1980. Em outro retrato, a cantora Fafá de Belém dá umas baforadas em um charuto. Já em um mural no lado de fora, uma homenagem aos fumantes notáveis, como o revolucionário argentino Ernesto Che Guevara.

“Os tempos mudaram. Nasci e fui criado nesse ramo. Certas coisas ficaram no passado e dificilmente vão mudar. Mas não tenho vergonha do que eu faço, ofereço emprego e renda para muita gente. É um negócio legalizado. Acho que Belém tem espaço pra minha fábrica ainda”, atesta.